

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 9

Setembro de 1914

Ano LXVI

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL  
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diário de Notícias, 110 — Lisboa

## A QUESTÃO GINÁSTICA

E

### SUA RESOLUÇÃO NOS EXERCITOS

Como o reconhecem os mais abalisados técnicos, é radical a diferença entre os intuitos e processos que presidem á ginastica educativa ou de aperfeiçoamento organico, que alguns classifícam de «ginastica de sala», e os que dirigem a ginastica militar, que, por antinomia, bem se poderia qualificar de «ginastica de campanha».

A ginastica educativa é de natureza preparatoria, tendo em mira, como se dedús de quanto precedentemente ficou exposto, a bôa nutrição dos órgãos, o melhoramento das funções do organismo, o desenvolvimento harmonico do corpo, e a educação dos centros nervosos de volição e coordenação, destinando-se mais especialmente ás creanças e aos adultos debeis ou doentes. «Os homens sãos e bem conformados devem fazer apenas exercicios metódicos, abstractos, diz Demeny, tendo cuidado em evitar, comtudo, excessos de especialisação, que deformam o individuo ou perturbam as suas funções organicas.»

A ginastica militar tem uma natureza viril especial, e deve constituir applicação intensa da energia humana á defesa do país. Consiste na preparação cuidadosa dos recrutas com o fim de poderem suportar sem difficuldade as fadigas da guerra, familiarizando-os outrosim com os accidentes materiais, que possam encontrar e ter de vencer na vida de campanha, o que tudo lhes desenvolverá as qualidades virís dentro da capacidade



psíquica individual. Sendo composta de exercicios de applicação-provocadores dessas qualidades, e como tais dificeis e, por vezes, violentos, visa exclusivamente os adultos sãos. Consequentemente, perder tempo e trabalho a ensinar aos recrutas exercicios destinados a creanças ou a individuos debeis ou doentes, sem procurar acordar-lhes por processos intensos, rapidos e vibrantes a iniciativa, a audacia, a tenacidade, a resistencia á fadiga e demais dotes másculos, é mais do que erro, porquanto representa acto de lesa patriotismo, embora atenuado pela errada compreensão da questão.

O desiderato exposto nem na propria Suecia se busca atingir com a applicação da ginastica educativa. E' certo ser naquele país o método de Ling a base fundamental da instrução gimno-militar, mas isto porque os recrutas o executaram, quando menos, na escola primaria, onde o ensino da ginastica é obrigatorio <sup>1</sup>, de sorte que, no quartel, apenas se faz sumariamente a sua revivência e coordenação. Os mancebos apresentam-se para prestar o serviço militar, pelo menos, com os beneficios organicos derivantes da ginastica educativa, e o trabalho dos instructores consiste mais particularmente em especializar-lhes as funções organicas, por meio dos convenientes exercicios de applica-

---

<sup>1</sup> Pela lei de 18 de junho de 1842 é obrigatoria na Suecia, para todas as creanças dos 6 aos 14 anos, a frequencia das escolas primarias, nas quais é igualmente obrigatorio o ensino da ginastica, por virtude do disposto nos decretos de 9 de janeiro de 1863 e de 19 de junho de 1866. Segundo estes diplomas, a ginastica nas classes inferiores compreende: a ginastica pedagogica ou educativa, com ou sem aparelhos, bem como determinados exercicios militares, praticados com armas de pau. Nas escolas medias a ginastica compreende: a) exercicios livres sem aparelhos e determinados jogos; b) exercicios com aparelhos executados em ginasio; c) exercicios militares, ao ar livre, consistindo nas escolas do soldado e do pelotão e nas esgrimas de baioneta, de sabre, de florete, e de pau. A ginastica pedagogica consta de exercicios livres, de marchas, de saltos, de corridas e de exercicios em aparelhos, nos quais se compreendem: barras, varas, mastros e cordas para ascensão, escadas e cavalos de madeira.

Nas escolas primarias rurais (*Folksholar*) os exercicios de ginastica são executados sob a direcção dos respectivos professores, diplomados pelas escolas normais, em cujos cursos aquêlê ramo de ensino figura como materia obrigatoria. Nas escolas medias (colegios, ateneus, etc.) o referido ensino deve ser ministrado por um professor de ginastica, diplomado pelo Instituto Central de Stockolmo.



ção militar intensamente ministrados, segundo as exigencias das armas ou serviços a que são destinados.

Como revelação dêste processo educativo, é de molde citar a narrativa, que o coronel Coste fez de uma visita á Escola de aspirantes a officiais, em Carlsberg, dizendo: — «Vi todos os alunos da Escola, em numero de 140, executar sob o comando do respectivo capitão instrutor, durante uma hora, a mais pratica das lições de ginastica — sob o ponto de vista militar —, e a mais completa — considerada fisiologicamente —, que se póde imaginar. Seguiram-se uns aos outros exercicios proprios para regularizar as atitudes e desenvolver não só a força, mas ainda a beleza estructural; marchas, corridas e saltos de obstaculos os mais variados; escaladas com armas, e todas as manifestações de energia, de resistencia á fadiga, de destreza e de audacia, que o soldado póde empregar em campanha. E tudo isso se passou á minha vista, ininterruptamente, como se fosse em calidoscópio animado, constituido por mancebos esbeltos, ageis, destros, vivos, verdadeiramente vigorosos e sãos, tanto de corpo como de espirito.»

Identicas descrições enviava ultimamente ao signitario deste artigo o distinto professor da Escola de Guerra, que é igualmente pedagogo considerado, pelo modo como tem exercido no ministerio de instrução publica altas funcções escolares, o capitão de artilharia sr. Frederico Antonio Ferreira de Simas, ao visitar em missão official as Escolas Militares da Holanda, da Dinamarca e da Inglaterra, nas quais assistiu a espectáculos identicos aos da Escola de Carlsberg. Em uma das suas cartas, datada de Haia, a 6 de junho do corrente ano, dizia-nos aquele illustrado official:

«Visitei hoje a Escola de Kampen, onde se preparam officiais, e ontem a de Alkmaar, perto de Amsterdam. Assisti aos exercicios fisicos, e posso dizer que fiquei surpreendido com a destreza dos alunos das duas escolas, principalmente dos da primeira. A de Alkmaar é uma escola preparatoria para a Academia Real de Breda, que vou visitar na segunda feira.

Depois de um curto exercicio de movimentos livres, os alunos apresentaram-se nos aparelhos: argolas, cordas, escadas, paralelas, vigas para equilibrios, cavallo de madeira para saltos, etc. Não foi apenas meia dúzia de alunos, todos se apresentaram esplendidamente. Haveria, talvez, um pouco de acro-



batismo, mas o que é certo, é que esses trabalhos hão de desenvolver a coragem e a confiança próprias.

«A esgrima de baioneta é bastante diversa da que aí vi praticar na ultima festa. Os alunos atacavam-se com *entrain*, defendendo-se, também, com energia e destreza. Tenho para mim que a educação fisica dos alunos da Escola de Guerra melhorará notavelmente, se este sistema fôr adoptado.

«Assisti depois a alguns jogos ginasticos, entre os quais um, a que chamam *Cork-ball*, destinado a opôr-se ao *Foot-ball*, e me pareceu muito mais civilizado e interessante.»

Em outra carta, datada de 10 do dito mês, referindo a sua visita á Academia Real de Breda, também na Holanda, escreveu-nos o mesmo professor: — «A mesma educação fisica que vi nas outras escolas. Cinco ou dez minutos de movimentos livres e depois aparelhos, saltos, lançamento da esfera de ferro, lançamento do dardo, equilíbrios numa viga sobre um fôssio, escalada dum muro, etc. Assisti a uma lição de equitação. Pareceu-me que os alunos eram menos desembaraçados do que os nossos.»

Da Dinamarca transmitia-nos, em 13 do referido mês, aquêlê official as suas impressões acerca das visitas ás Escolas de cadetes de Kronborg e de officiais de Copenhagne, pelo seguinte modo:

«Sobre educação fisica, que é o que nêste momento a V. lhe interessa, como mais urgente, direi que os dinamarquêses são verdadeiros ginastas, tanto os homens como as mulheres <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Na Dinamarca o ensino da ginastica nas escolas, desde as de instrução primaria, é obrigatório, por virtude da lei de 29 de julho de 1914. Os professores nas escolas primarias rurais devem frequentar nas escolas normais cursos teorico-praticos de ginastica, com três horas semanais, uma de teoria e duas de pratica. Nos exames de saída destas escolas compreende-se uma prova oral teorica e uma dupla prova pratica de ginastica: a) exercicios livres e nos aparelhos; b) uma lição didactica. O diploma do curso geral normal deve conter uma menção especial, relativa ás aptidões do diplomado para o ensino da ginastica.

Nas povoações urbanas, os professores devem ter obtido o diploma da ginastica, passado pelo Instituto Militar de Copenhagne, para o que frequentam um curso especial, que dura dois menses.

Visitando uma das escolas primarias dinamarquêsas (*Oestre-Friskole*), o autôr de um livro, que temos presente, descreve assim o que nela observou:

«No ginasio, que era dependencia da escola, provido de grande numero



Tenho tido ocasião de vêr isto no Tivolí, jardim dotado de jogos diversos, que êles muito apreciam. A ginastica é diferente da que se vê por aí, porque êles capricham em ter uma ginastica perfeitamente sua. Os rapazes, alunos de 17 a 24 anos, têm um desembaraço notavel. O exercicio de ginastica livre e aplicada durou sem interrupção três quartos de hora. Movimentos livres, saltos, equilíbrios, cambalhotas, etc. Em seguida uniformizaram-se e foram saltar com espingardas numa carreira de obstaculos, escalando e descendo muros, vedações e fossos. Depois houve manobras de taboleiro e exercicios de combate. Tudo isto durou umas duas horas e meia, e os rapazes, *todos*, nem uma só vez fraquejaram. Basta dizer a V. que um, que fallára num salto mortal, porque o tapete escorregára, deu a seguir quatro saltos para mostrar que não fôra por impericia, que tal lhe succedera. Notei uma disciplina e uniformidade de movimentos e um garbo militar notaveis em todas as manobras.»

Ácêrca do que havia observado na escola inglêsa de artilharia e engenharia, em Woolwich, escrevia-nos ainda o sr. capitão Simas o que passamos a transcrever:

«Os primeiros exercicios, muito variados, não deferiram essencialmente dos que tenho visto executar na nossa Escola de Guerra. Simplesmente me pareceu que se dava maior importancia, pela sua repetição e variedade, aos exercicios de marcha.

«Os alúnos, vestindo camisola de flanela e calças brancas e sapatos de sola de *cautchú*, executáram os diferentes movimentos com firmeza e correcção, não inferiores ás que eu observára nas escolas de Kampen, Alkmaar e Breda, na Holanda, e de Kronborg, na Dinamarca. Disse-me o comandante, general Holland, que se dava na sua escola menor importancia á ginastica com aparelhos, porque os variados jogos desportativos a que os alúnos se entregávam na vasta cêrca da escola, sempre diri-

---

dos aparelhos prescritos oficialmente, estavam uns 100 alunos, formando grupos de 10, 15 ou 20, sob a direcção de monitores especiais, os quais num perfeito conjunto executaram, primeiro exercicios livres e depois em aparelhos, como na Alemanha. Apenas com a diferença dos exercicios serem feitos com menos apparencia e elegancia, seguindo-se rigorosamente as doutrinas de Jahn, que miravam essencialmente ao desenvolvimento da força atlética, e não se tomando sempre as precauções indispensaveis, porquanto alguns dos exercicios não são isentos de perigos.»



gidos pelos instrutores, desenvolviam tambem, com superioridade manifesta, a agilidade, a coragem, a confiança em si proprios, dotes preciosos que esse método ginastico faz nascer e progredir<sup>1</sup>. No entanto, os alúnos trabalharam correctamente na viga, nas argolas, nas cordas, escadas e paralelas.

«Como assunto interessante, que bem salienta sólidos habitos de ordem e disciplina, recordarei que, em dado momento, quando mais animadamente todos se entregávam aos exercicios variados nos aparelhos, a um toque de apito dado pelo instrutor, os alúnos, cerca de um cento, entráram rapidamente numa formatura em colúna, como já anteriormente o haviam feito noutra em linha, sem a mais pequena demora e hesitação, sabendo cada um o seu logar e tomando-o por modo a não embaraçar os camaradas.

«E' certo que a disciplina e notável firmeza, que observei durante esses exercicios e evoluções, as mesmas que tive ocasião de admirar numa formatura de parada da guarnição de Londres, não fôram adquiridas apenas durante os dois anos de permanencia na Escola de Woolwich, porque vieram da escola primaria, direi mesmo da escola infantil, cuja organização pedagogica invejei para o meu país, vendo-a revelada na admiravel disciplina social, que caracteriza os povos do Norte; mas é impossivel negar que na Escola de Woolwich, e naturalmente em todas as outras similares, pela ginastica metodica e correcta e pelos jogos desportativos, regulados e dirigidos pelo official instrutor, esses habitos de disciplina se enraízam e fructificam, como é mister para que o exercito tenha na defêsa da nação, um valôr rial indiscutivel».

Como se vê das transcrições precedentes, nas escolas militares dos países do Norte da Europa, as quais, por serem escolas dos futuros instrutores dos respectivos exercitos, definem o caracter da ginastica militar nêstes adoptada, a parte educativa reduz-se a curto numero de exercicios de flexibilização, que duram uns cinco a dez minutos, quando muito, recaindo os esforços mais longos e intensos sobre os exercicios de applica-

---

<sup>1</sup> É esta efectivamente a doutrina evangelizada pelos adeptos do método ginastico inglês, a que se fez referencia a pag. 490, da *Revista Militar*, n.º 7, de julho ultimo.



ção, próprios para despertarem a energia moral e a resistencia á fadiga.

Tal processo de cultura representa pelos antecedentes a mais perfeita concepção na obra da preparação do cidadão para a defesa da patria. A sociedade civil toma alí a seu cargo o aperfeiçoamento organico dos cidadãos; ao exercito só compete uma acção revivente e complementar. Assim deve ser. Não são as instituições militares que devem cuidar da cultura fisica da raça, por modo a faze-la representar pelo tipo do homem cumulativamente forte e belo. Tal qual sucede com o problema de aniquilação do analfabetismo. Em qualquer dos casos, quer se trate do aperfeiçoamento fisico sob os pontos de vista estético e higienico, quer da conveniente cultura do espirito, o unico poder reconhecido com a competencia, força e recursos para exercer essas acções civilizadoras é o civil, sendo um unico, tambem, o campo em que êle tem de intervir para as exercer, que é—a escola.

Se o poder militar, porém, pretender continuar a substituir-se ao poder civil nessas missões, correrá fatalmente para o desastre, como a experiencia já lh'o tem demonstrado, porque, devido á falta do tempo indispensavel para modificar a morfologia da raça e para aclarar as inteligencias mergulhadas na escuridão, continuará a ter soldados de tão anómala estrutura e tão rudes de espirito, como até aqui.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Não parece inoportuno recordar que o vigente *Regulamento para a Instrução do Exercito Metropolitano* destina o seguinte numero de semanas para a prática de exercicios fisicos na escola de recrutas, especificando qual deve ser o das destinadas á ginastica do aperfeiçoamento orgânico e qual ao ensino da ginastica aplicada:

Armas e serviços	Ginastica de aperfeiçoamento orgânico	Ginastica de aplicação
Infantaria . . . . .	5	6
Cavalaria . . . . .	—	—
Artilharia . . . . .	10	5
Projectores. . . . .	6	7
Pontoneiros . . . . .	5	5
Telegrafistas e aerosteiros . . . . .	4	7
Sapadores . . . . .	5	6
Torpedeiros . . . . .	5	8
Tropas de saude. . . . .	6	—
Tropas de administração militar . . . . .	5	5



«Faites-nous des hommes, nous en ferons des soldats» —, dizia em Reims, na 8.<sup>a</sup> festa federal da União das Sociedades de Ginastica da França, em 1882, o General Chanzy, ministro da guerra, na presença e com o aplauso de Julio Ferry, então Presidente do Conselho. E porque essa frase consubstancia primorosamente a nitida separação de competencias, que incumbem á sociedade civil e ao exercito, tem ela sido repetida e confirmada, por vezes, pelos mais autorizados espiritos. Desenvolveu-a, aclarando um pouco mais as competencias, o General Picquart, tambem ministro da guerra, em outra festa da União, mas verificada em Troyes, em 1908, dizendo: — «E' por meio da ginastica que compete, tanto aos estabelecimentos escolares como ás sociedades de educação fisica, formar homens, que o exercito depois deverá transformar em soldados.»

E ainda bem recentemente, em 1 de junho do corrente ano, em festa ainda analoga ás citadas, num banquete a que assistiram 3.000 convivas, dado pela referida União, em Rennes, no coração da patriotica Bretanha, o Presidente da Republica, M. Poincaré, em voz pausada, alterosa e vibrante, como se quizesse que fosse escutada por toda a França, dirigindo-se a M. Cazalet, o infatigavel presidente daquela associação, recordou nos seguintes termos a frase de que deixámos feita menção:

«Há quarenta anos que a vossa União encetou a sua missão, e, em quarenta anos, essa missão nada tem perdido da sua utilidade nacional. As feridas, que a França tinha sofrido, ainda então vertiam sangue, e todo o mundo sentia a imperiosa necessidade de preparar no país, para o futuro, defensores robustos»

---

Crêmos não errar dizendo, que no breve tempo concedido para a prática da ginastica educativa, ainda quando se dispozesse de numerosos instructores com a devida cultura de anatomia e fisiologia, seria impossivel realizar qualquer dos fins a que mira o seu ensino, sem sequer exceptuar da referencia os artilheiros, que não ficarão mais fortes e belos, do que os camaradas das outras armas, com o maior praso de cultura, que lhes é concedido. O mesmo se póde dizer da ginastica de applicação, cuja duração do ensino é, tambem, extremamente reduzida, para se poder conseguir qualquer efeito util.

Se a totalidade dos prazos concedidos ás duas partes da ginastica citadas fôsse sómente applicada a ministrar aos recrutas a conveniente ginastica militar, cujos intuitos e processos são especiais, não nos parece duvidoso que os resultados obtidos seriam, não ainda inteiramente satisfatorios, mas muito mais uteis para a sólida e máscula constituição das tropas das diferentes armas e serviços.



tos e intrépidos. Depois sucederam novas gerações, que só conhecem os beneficios da paz; nada sabem da guerra, senão pelos livros e pelas narrativas dos velhos; mas a historia aí está para lhes ensinar que as nações, que adormecem em uma segurança aparente, acordam muitas vezes humilhadas ou desbaratadas. A França não quer sofrer as imposições do estrangeiro; é decididamente pacifica, mas pretende salvaguardar a sua independencia, os seus direitos e a sua honra.

«Necessita, para os defender, de um exercito composto de grossos efectivos e rapidamente mobilizavel; necessita de tropas instruidas, exercitadas e ardentes.

«A vossa União, Senhores, tem sido sempre para esse exercito uma excelente escola preparatoria.

«Preparai-nos homens, dizia o general Chanzy na vossa 8.<sup>a</sup> festa federal, preparai-nos homens, que nós os transformaremos em soldados.

«Não é a vós, Senhores, que compete fazer soldados, mas vós preparais homens, que ao ar livre habituais aos exercicios e ás salutaes fadigas; homens em quem desenvolveis o gosto pela ginastica, pelo tiro, pela natação, pela esgrima, por tudo quanto flexibiliza o corpo e lhe dá saude, força e agilidade.

«E não são apenas as qualidades fisicas as que desenvolveis na mocidade; são tambem as qualidades morais, a paciencia, o sangue frio, a temperança, a coragem e a disciplina.

«E tão bem o realizais que, graças a vós, o futuro recruta adquire já, com o maior desembaraço e vigor corporais, algumas das virtudes essenciaes, que lhe reclamará o serviço militar.

«Vós sois, Senhores, preciosos auxiliares da defesa nacional e sois, ao mesmo tempo, verdadeiros educadores do espirito publico. Vós recordais a todos os instantes ao país as lições do passado; afastais-lo de olvidos funestos e de desalentos mortais; habituais-lo á confiança e á esperanza; dais-lhe o exemplo da vontade, da energia e da perseverança nos propositos formados.

«Nessa fecunda propaganda sois estimulados pelos continuos progressos dos vossos camaradas estrangeiros; porque a nobre emolação, que em vós se desenvolve, não impede o reconhecimento dos respectivos meritos alheios. Sinto-me feliz por saudar aqui, no meio de vós, os representantes das socie-



dades russas, inglêsas, belgas, luxemburguêsas, suissas e italianas, e de lhes dirigir, bem como aos ginastas francêses, as minhas felicitações e saudações.

«Ergo o meu copo em honra da União das Sociedades de Ginastica de França!»

Apraz-nos deixar transcripto nêste lugar tão eloquente peça de oratoria, por que representa, para o fim que nos animou ao escrever as linhas presentes, uma dupla confirmação das doutrinas, que defendemos. Ao passo que nela se reconhece que a ginastica desenvolve as grandes virtudes civicas e virís, o Presidente da Republica, com todo o pêso das augustas funções que exerce, certifica que o poderoso agrupamento denominado União das Sociedades da Ginastica da França, o qual tem sido sempre o mais tenaz adversario da propagação da ginastica suêca pura, representa um «precioso auxiliar da defesa nacional, um verdadeiro educador do espirito publico, recordando-lhe incessantemente o passado, despertando-lhe a memoria, encorajando-o nos desalentos, habituando-o á esperanza, dando-lhe o exemplo da vontade, da energia e da perseverança no ideal formado.» E tudo isto tem conseguido a União, devido á tenacidade com que tem desenvolvido o gosto pela ginastica, graças ao uso de aparelhos e processos amorosianos, e ao dos desportos, todos os quais, como nenhuns outros, se prestam a desenvolver mais pronta e robustamente, não só as aptidões fisicas indispensaveis, como as altas virtudes civicas, consagrantes do soldado, robusto e intrepido desejado por M. Poincaré.

Não precipitemos, porém, a natural sequencia na exposição da doutrina, que proclamâmos, e continuemos serenamente na corrente em que vogávamos.

O exercito deve ser considerado como o proseguimento natural da escola, mas será sempre impotente para substituir a falta dela pela sua propria acção. Tomando o recruta com a constituição morfologica, que nela lhe foi facetada pela aplicação da ginastica educativa, ou sem esse trabalho preparatorio, a sua missão militar, em qualquer dos casos, é a de procurar atingir a personalidade moral de cada mancebo, despertando-lhe o espirito de iniciativa, sem o qual não ha homem livre, cultivando-lhe a vontade e a coragem, que são atributos das almas fortes e fazendo-lhe expandir as demais qualidades virís, sempre com o patriotico intuito de transformar o robusto e pacifico ci-



dadão em ardente, ousado e resistente soldado. Ha nesta impressivel missão trabalho de sobra para poder ser executado por modo completo no breve tempo que o soldado, especialmente o miliciano, se demora na fileira. Pretender abranger num esforço unico de poucas semanas os dois distintos deveres, que incumbem á escola e ao quartel, é tentar o impossivel, deixando fatalmente incompleta as acções fisio e psico-energética da ginastica nos organismos, e comprometendo simultaneamente a solidez da defesa nacional.

Embora autoridades conspicias o contestem, concedido que a ginastica de aperfeiçoamento organico tenha o poder de despertar os dotes psíquicos, que constituem o homem de acção, o que os técnicos mais entusiastas dessa ginastica confessam é, «que uma tal virtude sómente se manifesta ao longo de uma pratica rigorosamente pausada e metódica, sendo toda a precipitação na sequencia dos processos educativos equiparada á inacção ou á applicação de exercicios defeituosos». Em contraposição, ninguem contesta que a ginastica amorosiana, apezar dos defeitos que possa ter, sobretudo quando mal dirigida, exerça muito mais pronta e intensamente os efeitos fisio e psico-energéticos, que se pretendem fazer desenvolver no recruta. Portanto, toda a hesitação é condenavel na vida militar, especialmente quando se trata de um exercito miliciano.

Porque á ginastica ministrada em aparelhos apropriados se dá vulgarmente o nome de ginastica alemã, e porque esta empregou processos hoje reputados nefastos á solida e conveniente estructura do organismo, resultou a má vontade com que aquela é por muitos considerada. Mas, deve atender-se a que a ginastica applicativa, quer em França, quer na propria Suecia, recorre a processos diferentes dos que se usaram na Alemanha, e a que neste mesmo país a ginastica não é hoje a mesma, que foi implantada na Prussia por Jahn. Perdeu muito, desde o meado do seculo passado, do character atlético, que então teve. A viagem ordenada por Frederico Guilherme IV, do major Rothstein e outro camarada a Stockolmo, em 1842, onde se demoraram dez meses e mais três em Copenhagne, marca o principio do periodo evolutivo da ginastica alemã, e designadamente o da criação das suas importantes escolas de ginastica, destinadas á preparação de professores e instrutores da especialidade, as quais foram modeladas no seu inicio pelo Instituto de Stockolmo.



É certo que o método suéco não logrou, desde logo, criar raízes no solo alemão, e que todos os esforços, empregados pelo major Rothstein nesse sentido, foram infructiferos, ainda quando ele pertendeu germanizar o dito método, modificando-o e velando-o sob a denominação «Ling-Rothsteinsche» mais lisongeira para o coração dos patriotas, método racional, baseado já no conhecimento scientifico do corpo humano, e composto na maior parte de exercicios livres, dispondo de reduzido numero de aparelhos.

Três professores do Instituto Central de Ginastica, de Berlin, que foram Kluge, Kaweran e von Wittig, todos discipulos de Eiselen, combateram denodadamente aquelas pretensões reformadoras, com tanta mais facilidade quanto que a opinião se havia pronunciado anteriormente em favor da orientação dada por Adolfo Spiess ao ensino da ginastica no Grão Ducado de Hesse-Damstadt, o qual modificára o primitivo método de Jahn dando grande intervenção aos exercicios livres, de natureza educativa, sem fazer perder ao ensino o carácter nacional.

A campanha então travada sobre o método suéco, se não logrou o triumpho deste, espalhou sementes as quais, com o andar dos tempos, desabrocharam e floriram. Seria longo e inoportuno fazer a historia detalhada da revolução, que tem experimentado o método alemão. Mas não será descabido, por certo, dizer que a propaganda, iniciada em 1863, pelo Dr. Jaeger, director do Instituto especial de ginastica, de Stuttgart, adversario formal do uso de aparelhos, *antes dos 14 anos*, com limitação de reduzido numero deles depois desta idade, e partidario formal dos exercicios livres, concorreu tanto mais para a acentuação daquela evolução, quanto que os principios defendidos por aquele especialista haviam firmado pé em uma parte do solo alemão, pois foram consagrados no regulamento das escolas do Wurtemberg.

Ao tempo, desenvolvia o Dr. Kloss, na Saxonia, propaganda paralela em favor da ginastica pedagogica, conseguindo com a sua acção emocionar a opinião, a ponto de ser convidado pelo ministro da instrução publica para elaborar um «Guia para o ensino da ginastica nas escolas primarias da Saxonia», o qual foi mandado adoptar por diploma de 20 de maio de 1863.

Foi em 1876, que começou ainda na Alemanha a evolução da ginastica para os jogos, que os fundadores do método ale-



mão, Guths Muths e Jahn, tanto haviam exaltado nos seus tratados, mas sem consequências práticas. O oitavo congresso de ginástica, efectuado em Brunswick, reforçou o movimento, opinando que os jogos fossem encorporados e executados na ginástica, como seu complemento necessario.

Mas foi o ministro da instrução publica prussiano Gustavo von Gossler, pela sua notavel circular de 27 de outubro de 1882, quem abriu novos horisontes á cultura física, incitando, não sómente as escolas primarias, mas as secundarias e superiores, — «a dar á mocidade a faculdade de adquirir a agilidade e a força, de modo mais eficaz e com mais liberdade do que nos ginasios cobertos, fazendo-a aproveitar da emulação suscitada pelôs desafios e apostas, proprias de todo o jogo bem organizado<sup>1</sup>. . . A escola devia cultivar dedicadamente os jogos como uma das manifestações da actividade juvenil, tão salutar para o corpo como para o espirito, coração e sentimentos, pois essa actividade tem em si propria a virtude de aumentar a força corporal e a destreza, e a de influir favoravelmente no character. Mas tal cultivo não devia ser por intermitencias, mas sistematico e metodico. . . A convicção de que a actividade e o vigôr físico aumentam a força e a vivacidade do trabalho intellectual ainda não estava infelizmente bem generalizada. Não se teriam ouvido tão frequentemente as lamentações sobre a fadiga intellectual da juventude, se esta verdade tivesse sido melhor apreciada e atendida. Por isso, tanto na escola como no lar domestico, todos os que têm o dever de cooperar na educação da mocidade deveriam escolher e aproveitar os logares proprios para esses exercicios, nos quais o corpo e espirito encontram uma fonte de força e de distracção. O beneficio redundante não aproveitaria sómente á mocidade, mas tambem ao povo e á patria».

Na realização desta evolução, aconselhada pelo ministro, tiveram parte preponderante o deputado von Shenckendorff e o director do ginasio de Gorlitz, que era Eitner, encetando ambos activa propaganda em favor dos jogos gímnicos, a qual deu em resultado ser organizada, em 1891, uma associação promotora da difusão desses jogos entre a juventude e o povo

<sup>1</sup> Em um periodo especial da dita circular, declara-se que a asserção visa os jogos movimentados ou gímnicos, com exclusão de quaisquer outros.



(*Zentralausschuss zur Forderung der-Volks-und Jugendspiele in Deutschland*), cuja presidencia foi incumbida ao deputado aludido.

Esta sociedade tem publicado perto de vinte volumes, de cerca de 400 paginas, nos quais os mais autorizados antiquarios investigam qual foi, na antiguidade, a acção das artes ginsticas na educação; os medicos vulgarizam as investigações sobre os fenómenos da fadiga e sobre a higiene das escolas; os professores expoem as considerações que lhes sugeriram as visitas feitas aos países estrangeiros e comparam os métodos de educação em uso nos diferentes países, e, finalmente, os artistas e literatos estudam os monumentos, a historia e as festas gimnicas populares.

Não deve esquecer ainda, que a referida sociedade tem organizado em muitas cidades da Alemanha cursos práticos de ginastica, destinados aos professores de ambos os sexos, os quais, de 1900 a 1904, haviam sido frequentados por 3:878 professores, e 2:021 professoras.

As antigas sociedades de ginastica, tão numerosas na Alemanha, e ás quais ao diante se aludirá, compreenderam logo que a nova associação representava um ataque á tradicional ginastica alemã, e receberam desfavoravelmente a nova doutrina, não obstante o ministro se haver autorizado a propaga-la, aduzindo a formal opinião dos notaveis especialistas e patriotas Guths Muths, Jahn, Tr. Bach, e C. Fleischmann.

Mas, a actividade desenvolvida por von Shenckendorff e seus sectarios, apoiada pelo governo, foi tão tenaz, que triumphou dos obstaculos surgidos, tendo-se assim amortecido sucessivamente a opposição, não só dos ginastas amadores, mas dos proprios professores de ginastica.

Para que bem se possa avaliar da importancia desse movimento em favor da reforma da ginastica bastará dizer que, nos dez anos decorridos após a data daquela circular, se publicaram não menos de 55 obras avulsas, sobre a cultura física, entre as quais merecem citação especial, pela autoridade professional dos seus autores e a valia dos respectivos trabalhos, as dos Drs. A. Schmidt, K. Koch, Witte e Lorentz e professores H. Raydt e Wickenhagen. E dois jornais tecnicos, a *Zeitschrift für Gesund-heitspflege*, dirigida pelo Dr. Kotelmann, e a *Zeitschrift für Turnen und Jugendspiel*, a cargo dos Drs. H. Schnell



e H. Wickenhagen, acompanharam e sustentaram a propaganda com decidida competencia e calor.

Todos os factos, que ficam descritos, concorreram, senão para extinguir, pelo menos para temperar as durezas da antiga ginastica alemã, cuja primitiva tendencia atlética tem sido dominada pelo desenvolvimento sucessivamente adquirido pelos jogos gímnicos e pela insistente propaganda em favor da ginastica pedagogica.

Essa evolução no campo das ideias e dos factos transformou-a, e deu-lhe o character eclético, analogo ao que possui a denominada ginastica francêsa, embora sejam diversos os processos, em um e outro país, que definem esse eclectismo. O que para a sequencia do presente trabalho importa considerar e registar é que, aludindo á ginastica alemã, se considera esta com a nova modalidade e não com o character atlético da sua primitiva constituição.

E' importante remomemorar, outrosim, que o ensino dessa ginastica e o seu uso como diversão desportiva estão largamente espalhados em toda a Alemanha. Esse ensino, como na Suecia e Dinamarca, constitui materia obrigatoria dos programas da instrução primaria. No Wurtemberg, assim foi preceituado no regulamento de 5 de fevereiro de 1863; na Prussia, no de 21 de março de 1872; no Grão Ducado de Baden, nos de 30 de julho de 1868 e 1 de outubro de 1869; no Grão Ducado de Hesse, em 1848, e tambem nos restantes estados.

E, para que o preceito legislativo consignado nos diplomas citados entrasse céleremente no dominio dos factos, organizaram-se em todo o territorio alemão consideravel numero de associações, denominadas «Tugendbunde», cuja missão é a de preparar a defesa da patria, aumentando a sua força e promovendo a sua grandeza, entre outros processos, designadamente pela pratica da ginastica. Essas sociedades constituem uma vasta federação, regida por uma direcção central. Póde afirmar-se não haver povoação de certa importancia em que não exista uma das suas sucursais. A federação forma vinte e uma «Turnkreisse», ou districtos, e possui um mapa representativo da sua incessante expansão<sup>1</sup>, o qual tem sido vulgarmente denominado — Carta do imperio da ginastica —.

<sup>1</sup> C. Fleischmann. *Übersichtskarte der deutschen Turnkreise*. Berlin.



A idade minima para a admissão de socios é a de 18 anos, como nas nossas sociedades de «Instrução militar preparatoria», sendo frequentes nas «Tugendbund» os exercicios ginasticos, os concursos de jogos gímnicos e ainda as excursões pedestres, de 10 a 14 horas de marcha, tomando parte em todas essas diversões, não só mancebos dos 18 aos 20, mas adultos dos 30 aos 35 anos.

O exercito usufrui as naturais vantagens de tal educação, que ele completa com apropriados exercicios gímnicos, dando simultaneamente aos essencialmente técnico-militares todo o character másculo e ardente. Um official francês, pertendendo penetrar o segredo da força militar dos alemães, observou cuidadosamente nas suas viagens o modo como estes ministravam a instrução militar, e descreveu, já no principio do ano corrente, o que havia observado na conceituosa exposição, que vamos transcrever.

«Não sei se teremos de nos defrontar com tantos pequenos Moltkes quantos são os generais alemães, e até não estou longe de crêr que lhes poderemos opôr uma colecção não menor de Napoleões; mas do que não tenho duvida, por o haver verificado com os meus proprios olhos, é que nos encontraremos em frente de uma tropa (soldados, sargentos e officiais subalternos) extremamente destemida. Não tenho outro termo para qualificar mais exactamente o aspecto da tropa alemã. O vigor da execução é geralmente levado ao maximo; não se trata ali de arrebiques, como no nosso país, não se cuida de transformar cada soldado em um fenomenosinho consciente, que a todo o momento utiliza a inteligencia de que a natureza por ventura o dotou. O soldado alemão não é inteligente, ou, pelo menos, não lhe exigem que o seja; basta que ostente robustez. Fundem-se todos no mesmo molde, pelo que se diz serem de chumbo. Mas de aço é que eles são, consistindo a preocupação capital dos instructores em os transformar em molas, que se distendem á voz do comando com velocidade e inergia tão grandes quanto o permitem os respectivos organismos.

«Devem-se vêr esses grandes diabos louros e disformes executar os exercicios em ordem dispersa! Lançam-se para o terreno com tal violencia, que ficam com a cara coberta de pó ou de lama; não correm, precipitam-se para a frente; executam o assalto como demonios, a correr até ficarem exaustos; a esgrima



de baioneta, realizada com espingardas de madeira, deve deixar-lhes o corpo coberto de nodos negros. A base da instrução do exercito alemão é transformar todos os soldados em magnificas bestas de combate.

«Os officiaes são submetidos ao mesmo regime; em todos os corpos funcionam cursos de ginastica, destinados aos officiaes subalternos. Este ano realizaram-se campeonatos para officiaes, em Berlin, perante o Imperador. No ano findo, em Munich, houve com o maior brilhantismo provas da mesma natureza. Os officiaes inscrevem-se por toda a parte nas «Tugendbunde» civis, afim de se prepararem para os jogos olimpicos, que se hão de realizar, em 1916, na capital do Imperio. Eu vi os officiaes da guarda treinarem-se no respectivo campo de exercicios em corridas pedestres.

«Não guardemos, portanto, illusões; a tropa alemã é extremamente vigorosa, e a prática dos exercicios violentos dá-lhe uma agilidade e elasticidade tais, que hão de tornar a distensão das suas molas extremamente temivel.

«Tenho a opinião de que no nosso exercito se não utilizam devidamente no mesmo sentido as grandes aptidões, de que dispõem os nossos soldados e os nossos officiaes».

Os factos descritos, e que tão intelligente e meticulosamente foram observados, são devidos, em grande parte, á circumstancia de um numero importante de mancebos se incorporarem nos regimentos com uma certa cultura ginastica, obtida nas escolas ou nas «Tugendbunde». Embora não sejam seleccionados dos incultos, o que se torna natural é que os mais destros, pelo espirito de imitação inato no homem, arrastem após si os demais, já para isso preparados na escola de recrutas pelos convenientes exercicios da ginastica militar, produzindo-se assim na massa geral das tropas a poderosa manifestação de dotes energéticos, que o official francês notou com verdadeira emoção.

É a razão porque no exercito alemão se cuida de transformar cada soldado em «besta de combate», no dizer do articulista, é porque allí se entende que, não obstante os gigantescos progressos da tactica e de todos os instrumentos da guerra, é ainda o homem o mais temivel destes, e que, seja qual fôr o poder da artilharia e a resistencia das couraças, é da energia e tenacidade do seu character, que a vitória provirá. O pensamento en-



volvido na frase do almirante norte-americano Farragut: — «Para vencer basta um coração de aço em um barco de madeira» — em parte alguma tem maior consagração do que na Alemanha, onde se pensa, que nada ha no mundo que possa prevalecer contra a vontade e o heroísmo, não existindo maquina capaz de impôr a capitulação ao coração humano. O *Hoc volo, sic jubes, sit pro ratione voluntas*, de Juvenal, sintetisa admiravelmente o sentir da alma alemã.

E' certo ter inconvenientes o método seguido na cultura militar do soldado alemão, como pretendeu avolumar um antigo official Hans Pommer, em opusculo recentemente publicado; mas que aquele tem igualmente pronunciadas vantagens, demonstra-o a série de vitórias alcançadas pela Alemanha nas campanhas da segunda metade do seculo findo, e pela tenacidade e resistencia oferecidas na presente.

No mundo moral, como na dinamica, a resultante de duas forças concorrentes é representada pela diagonal do paralelogramo constituido sobre as componentes, diagonal que se aproxima sempre da força componente mais intensa. Ora, as vitórias passadas demonstram que a resultante, entre as vantagens produzidas pelo método educativo do soldado alemão e os inconvenientes aduzidos por Hans Pommer, se aproxima consideravelmente da primeira, que representa a força mais poderosa.

E' por isto, que o cultivo do heroísmo e da vontade constitui o característico predominante de todas as instituições sociais do imperio germanico, desde a escola infantil até ás fileiras do exercito <sup>1</sup>.

A asseveração de que foi o mestre escola quem venceu em Sedan é exacta, mas não no sentido em que vulgarmente a frase é tomada. Nas escolas primarias alemãs o maior desvelo dos professores consiste em assegurar a subordinação e desenvolver o patriotismo. Para firmar a primeira, a «cacholeta» re-

---

<sup>1</sup> Será ocioso dizer, que as considerações expostas são inteiramente estranhas á guerra actual, não devendo deduzir-se delas orientação pessoal contrária aos interesses patrios de occasião e á solidariedade devida á aliança inglesa. Quaisquer que sejam as aspirações gerais absorventes, ou os erros politicos, estrategicos ou tacticos cometidos na presente campanha pela Alemanha, não prejudicam aquelas nem estes a valia dos processos educativos usados para assegurar a sua preponderancia, sendo estes exclusivamente os que pretendemos resgistar nas presentes paginas.



presenta, como igualmente sucede na Inglaterra, um processo vulgar. Para enraizar a segunda, quando as creanças ainda mal sabem soletrar, já se lhes fala da «grande patria alemã» e da bandeira, que a representa, fazendo-as entoar os cantos patrióticos que, dez anos mais tarde, hão de ainda repetir durante as marchas dos regimentos em que forem encorporadas. E esta educação patriótica não é de hontem. Foi Frederico II quem a introduziu e a regulamentou na escola. Após Iena, deu ela os primeiros frutos nas desforras de 1813, 1814 e 1815. Essa orientação escolar creou tão fundas raízes, que nem a mais intensa propaganda do radical socialismo a tem podido abalar.

A cultura da «vontade», essa tem nas fileiras do exercito o mais largo campo de acção, e é pela instrução da ginastica, adequada ao character nacional, que tal virtude começa a ser despertada. Indiferentes aos clamôres da praça publica e dos jornais, os chefes militares, como verificou o official francês precedentemente aludido, só pensam em obter dos soldados, primeiro pelos processos ginasticos, depois pela instrução complementar propriamente técnico-militar, o maximo da resistencia fisica de que sejam susceptiveis. Como o engenheiro que procura conhecer bem, pelas experiencias anteriores, a tenção que uma maquina póde suportar, é igualmente por identico processo que esses chefes conseguem no momento oportuno accionar as unidades sob as suas ordens, por modo a faze-las produzir a mais elevada resistencia á fadiga. E, para atingir tal resultado, não é despido, com os troncos nús, aspirando a constituir-lhes plasticas de Mercurios do Belvedere, que a ginastica militar alemã busca exercer a sua função nos recrutas, mas, ao contrario, uniformizando-os, armando-os e equipando-os com a carga regulamentar de campanha, e familiarizando-os, assim, em exercicios adequados, com o maximo de resistencia fisica, que lhes poderá ser exigido no momento de perigo nacional.

Temos dito o bastante, nos parece, para justificar o parecer de que não ha de ser nas regiões suécas, mas sim nas germanas, que se há de buscar a orientação, que deve presidir á elaboração de um conveniente método de ginastica militar, mas adaptando-a ás condições do meio e raça nacionais. Como succede na Suecia e na Dinamarca, como pretendiam os generais Chanzy e Picquart, em França, e como na Alemanha foi o in-



tuito dos proprios fundadores da sua ginastica, e o está ainda sendo das colectividades propagandistas, deixemos á escola e ás respectivas sociedades de educação fisica a missão de preparar homens pelos processos da ginastica racional, ecletica, amorosiana ou dos desportes, visto que «— nem só na Suecia se faz boa ginastica»—, como dizia o director do Instituto de Stokolmo, citado em artigo precedente, e trate o exercito exclusivamente de — «preparar cuidadosamente os mancebos alistados, tenham ou não recebido qualquer instrução ginastica, para suportarem sem dificuldade as fadigas da guerra, familiarizando-os com os accidentes, que tenham de vencer na vida de campanha, e desenvolvendo-lhes por adequados processos as qualidades virís», — porque é este exclusivamente o escopo da ginastica militar. O brevissimo tempo, que é destinado nos exercitos milicianos, como o nosso, á escola de recrutas, não permite que se recorra para alcançar o mesmo fim, senão aos métodos de ginastica cujos efeitos sejam prontos e decisivos.

Para isto, torna-se indispensavel que os quarteis, ou as carreiras de tiro anexas, sejam dotados com os aparelhos, pistas e mais instalações indispensaveis para que a instrução ginastica com o cunho acentuadamente applicativo, possa tornar-se eficaz, nos primeiros dos quais se não compreendem, é claro, aquêles dos antigos aparelhos amorosianos que a sciencia, actualmente condena para uso dos proprios adultos, mas se incluem os que só devam ser vedados a creanças em pleno desenvolvimento organico. E fazemos esta acentuação por já ter ouvido a técnicos suécofilos bem reputados dar como condenados aparelhos, que realmente o foram para creanças, mas não para adultos, os quais gosam do poder de exercer prontamente nestes a acção revolutiva, que nas menores idades só deve ser obtida pela evolutiva.

Ninguem contesta que, em absoluto, qualquer método de cultura fisica, racionalmente concebido, deva constar de uma primeira parte de natureza educativa ou de aperfeiçoamento organico, seja modelada nas doutrinas de Ling ou nas eclecticas, destinada a produzir determinados efeitos estéticos e higienicos, e de outra applicativa, cujo fim especial consista em desenvolver o mais possivel as vantagens obtidas pela pratica dos exercicios educativos. O que sustentamos é que, sendo a parte educativa de natureza excessivamente morosa, como re-



conhecem os mais autorizados técnicos, não só suécófilos mas eclectófilos, e sendo extremamente breve o praso hoje destinado ás escolas de recrutas, todo o tempo aplicado ao ensino dessa parte educativa deve ser considerado como inteiramente perdido, com prejuizo flagrante e evidente do desenvolvimento das qualidades morais e da capacidade de resistencia ás fadigas, que são as que definem verdadeiramente o valor do soldado, e são as despertadas prontamente pela acção da ginastica militar, mais viril e intensiva do que a parte applicativa de qualquer dos metodos usuais.

A escola da ginastica militar tem de ser fatal e exclusivamente, devido á escassez do tempo, e tanto quanto caiba nas forças humanas, a fonte copiosa da energia, da vontade, da coragem, do sangue frio e da audacia. Diz Jorge Hebert, e diz bem, que, quando se possuem condições fisicas normais, (as quais são asseguradas nas instituições armadas pela inspecção medica dos recrutas) não há razão nem desculpa para ficar fraco, visto o trabalho sensato e metódico permitir o ser forte. Para o conseguir, é indispensavel reunir no organismo uma certa porção de qualidades ou forças, que a ginastica militar convenientemente ministrada desperta e robustece sem dificuldades. Ora, os principais elementos que esse auctor julga constituirem o poder fisico ou força geral absoluta, e que manda registrar cuidadosamente, expressos em numeros para cada individuo, são: a força de resistencia, a força muscular propriamente dita, a destreza e a energia nervosa ou moral.

A força de resistencia avalia-a por meio de cinco provas: a corrida de velocidade de 100 metros; a corrida de velocidade e resistencia de 500 metros; a corrida de resistencia de 1.500 metros; o percurso a nado de 100 metros (velocidade) e o mergulho debaixo de agua (capacidade respiratoria)<sup>1</sup>. E, como exige que, no decurso de um só dia, seja executada a serie de 12 provas, que vão especificadas, obtém igualmente do conjunto de resultados parciais a força de resistencia de cada individuo.

---

<sup>1</sup> Não deve esquecer que Jorge Hebert é o director técnico dos exercicios fisicos na marinha francêsa, e que o seu método está nela em pleno vi-gôr, pelo que compreende com largo desenvolvimento os exercicios aquaticos. Além dessas funções, dirige o Colegio de atlétas, em Reims, que um dos ultimos numeros da revista *Je sais tout* descreve em termos entusiasticos.



A força muscular propriamente dita mede-a pelo levantamento de determinados pesos com ambas as mãos, pela projecção de outros pesos e pela ascensão na corda lisa até determinada altura.

A destreza, a agilidade, a flexibilidade e a coordenação de movimentos aprecia-as pelas quatro especies de saltos: de altura, estando parado e correndo; de comprimento, sem e com corrida; além das corridas e percursos a nado.

As qualidades de energia são-lhe determinadas pelo modo de execução da serie das doze provas, que ficam enumeradas, sem desfalecimento, antes, pelo contrario, applicando o maximo esforço em cada uma delas.

Como informação interessante diremos ainda que, segundo o método Hebert, o limite minimo do desenvolvimento elementar, que ele representa por zero na respectiva valorisação, é representado pelas seguintes provas:

Saltar 0<sup>m</sup>,80, em altura, sem corrida;

Saltar 2<sup>m</sup>, em comprimento, sem corrida;

Saltar 3<sup>m</sup>,50, em comprimento, com corrida;

Subir 5<sup>m</sup> na corda lisa só com o auxilio das mãos;

Levantar um peso de ferro de 40 quilos.

As provas em que se não atinge esta craveira são consideradas como insuficientes ou nulas, tendo valorisação negativa, segundo determinada escala. As que excedem a craveira indicada têm valorisação positiva.

O autorizado profissional não reputa perfeito este processo de avaliação do poder fisico e moral individual, mas sustenta ser pratico, como meio de verificação dos resultados colhidos por uma conveniente instrução ginastica, apoiando-se, para assim o afirmar, na vasta experiencia adquirida nas escolas de Brest e Lorient e em varias sociedades de ginastica. O método tende, comtudo, a desenvolver-se em varios países, e no nosso já tem execução na Escola de Tiro de Infantaria, segundo vemos de um modelo da ficha individual, que temos presente, e nos foi ministrada por um intelligente e ilustrado camarada, devotado propugnador de todas as instrucções praticas.

Sem entrar na apreciação técnica da questão, apontamos o parecer e exemplo, que ficam expostos, como revelativos de um



dos processos a adoptar para verificar os resultados alcançados pela conveniente instrução da ginastica militar, devendo ser modificado consoante as exigencias da guerra terrestre, nas quais ocupa um dos lugares preferentes a resistencia ás fadigas, da qual o melhor dos processos mensurativos será a execução de determinados exercicios. especialmente os de corridas e marchas com a carga normal de campanha, visto ser a maior das fadigas, que na guerra experimenta o soldado, a condução do seu armamento, municiamento e equipamento. E, como processo para reconhecer a destreza, a agilidade, a flexibilidade e a coordenação de movimentos, substituirá muito apropriadamente a esgrima de baioneta as provas nauticas adoptadas por Hebert.

A experiencia tem demonstrado que, apezar de todas as tentativas empregadas, se torna quasi que impossivel diminuir o peso da carga, que o soldado conduz ao entrar em campanha. E, na sequencia desta, ainda esse peso aumenta, por isso que, como disse um general ao Dr. Mosso, e este registou, o soldado tem a tendencia de meter na mochila e bernal muitos artigos sobreceletes, a cujo uso estava habituado na paz. Ora, sem contar com o uniforme vestido, as nossas tropas de infantaria, em ordem de marcha, transportam um total de 21<sup>k</sup>,460, peso suficiente para alquebrar as vontades mais energicas, que não estejam adestradas para o conduzir, e cujos efeitos se revelam no silencio funebre e na atitude arqueada do corpo, que os soldados guardam nas longas marchas, sempre com os olhares cravados nos leitos das estradas, que percorrem. Este estado de depressão fisica e moral obrigando, mais frequentemente do que se julga, o soldado a abandonar as mochilas é que exige, durante a paz, a conveniente treinagem dos soldados.

E' bom recordar, entre outros exemplos notaveis, oferecidos pelas guerras contemporaneas, que a divisão Ricotti, na campanha de 1866, percorreu em marcha forçada 58 quilometros em 30 horas, de Borino a Mortise. Dois dias depois, em marcha ordinaria de 22 quilometros, dirigiu-se a Scattenigo. No dia imediato, depois de percorrida a distancia que medeia entre Scattenigo e Trevignano, estava de novo em marcha ás 8 horas da noute, tendo chegado a Treviso, pelas 7 da manhã. Após um pequeno alto, apeando as mochilas, que já esmagavam com o pêsos os seus portadores, iniciou a divisão novamente a marcha, alcançando S. Biagio ás 11 horas da manhã, tendo



assim percorrido mais 67 quilometros em 33 horas. No dia immediato, chegava a Motta, depois de haver vencido mais 50 quilometros. E ás 2 horas da madrugada, de 22 de julho seguinte, seguia de Motta para S. Maurello, onde chegou ás 11, percorrendo mais 28 quilometros. Ás 8 horas da noute novamente se punha em marcha, chegando ás 8 da manhã a Perpetto, isto é, fazendo mais 55 quilometros em 30 horas.

Ainda no dia 17 de setembro corrente o jornal francês *Le Temps* dizia, que os feridos alemães se lamentavam, sobretudo, das enormes marchas, que os haviam obrigado a fazer. Cada dia não percorriam menos de 45 a 50 quilometros, e houvera uma vês em que marcharam durante vinte e duas horas, dormindo apenas uma hora.

E' indispensavel que os instrutores militares de ginastica e, tambem, os professores de educaçãõ física da mocidade, tenham sempre presentes no espirito exemplos de marchas tão frisantes, como as que ficam apontadas, para que o seu trabalho se possa considerar verdadeiramente produtivo, sob o ponto de vista militar.

A resistencia nas marchas e a velocidade das mesmas constituiram em todas as épocas, e nas diversas regiões do mundo, os mais importantes factores da vitória, pelo que a competente treinagem deve ser meticulosamente cultivada. Os exercicios de resistencia, que preparam o soldado para produzirem esses esforços energéticos, devem merecer, portanto, decedida preferencia. Permitem eles obter demasiado trabalho com grande economia de fadiga. Como afirma o Dr. Lagrange, dão ao organismo o beneficio da acquisição suplementar de oxigenio, sem o expôr aos perigos da respiração forçada. Activam a circulação do sangue sem fatigar o coração e distender demasiado os vasos sanguineos. Em resumo, poupam toda a maquina durante o trabalho, que lhe é exigido. Ao equilibrio perfeito, estabelecido entre o esforço muscular e a resistencia individual, é devido o facto do trabalho se poder prolongar durante longo tempo, sem que sofra perturbação sensivel qualquer dos órgãos, aos quais cabe a sua execuçãõ. Dispensar ou reduzir, portanto, a intensidade desses exercicios, sob o pretexto de que os soldados sofrem com as fadigas consequentes, equivaleria, como bem disse um distinto fisiologista, a renunciar ao uso dos explosivos, porque estes produzem frequentemente desastres mais ou menos consideraveis.



Os suécos e outros povos consideram igualmente as esgrimas como uma ginastica de aplicação, que reputam valiosissimo complemento da educação fisica. Não póde ser contestado o asserto. Efectivamente, elas desenvolvem poderosamente, e a par, tanto os dotes físicos como os morais, muito especialmente quando o método seguido reproduz os caracteristicos da esgrima suéca, de natureza eclectica, que congloba a grande energia e rapidez nos ataques, que distinguem a esgrima dinamarquêsa, com a elegancia da attitude e finura do jogo, proprias da francêsa. A esgrima tem a grande virtude de colocar duas vontades face a face, fazendo-as produzir pelo estímulo desenvolvido o seu maximo rendimento, despertando e desenvolvendo a confiança própria, a resolução, a coragem, a reflexão, a resistencia e a energia, que são dotes morais, que muito valorisam as individualidades.

É, por isso, que as esgrimas tem na Suecia logar preferente entre os exercicios de aplicação da ginastica, durando as suas lições duas horas, emquanto que os demais não excedem quarenta e cinco minutos. Não se trata ali, porém, de criar duelistas, porque o duelo é proibido por disposição legal, tendo igualmente desaparecido dos costumes. Cuida-se essencialmente de cultivar um processo de educação física de comprovados resultados beneficos, sob qualquer dos pontos de vista que possa ser encarado.

E sob este exclusivo aspecto são poucos todos os louvôres que se votem ás recentes providencias adoptadas no nosso exercito com o fim de desenvolver o gosto pelas esgrimas, quer na corporação dos officiais, quer na dos sargentos. O movimento encetado necessita, comtudo, de ser devidamente completado, como vamos tentar demonstrar.

O cultivo de algumas das esgrimas não póde ser generalizado em todas as classes militares, por motivos tão obvios, que dispensam a citação. A de espada e florete são mais especialmente destinadas ao corpo de officiais; a de sabre, ás armas montadas; a de baioneta áquelas praças de pré, que da espingarda têm de se servir, tanto para o ataque como para defêsa, nos assaltos e lutas individuais tão frequentes na guerra. Em razão do que, a esgrima de baioneta póde e deve ser cultivada ainda mais desveladamente do que qualquer outra, habituando o soldado a defrontar-se nas lutas corpo a corpo com presumi-



dos adversarios, aptidão esta que necessita de ser tão despertada e desenvolvida como qualquer outra. O homem adestrado nesses assaltos é mais audacioso do que aquele que só conta com a arma para atingir de longe o adversario. Por isto mesmo, aos proprios militares, que só usam da espada, se torna igualmente conveniente adestra-los nos assaltos em que um dos contendôres use de arma curta e o outro de arma longa, ou esta seja a espingarda ou a lança.

Mas, para que haja verdadeira utilidade, indispensavel se torna que a respectiva instrucção seja ministrada, não com o mero intuito espectacular, como se fôra um exercicio de manejo de arma, mas com a decidida disposição do combate corpo a corpo, sob a fórmula de assaltos individuais, tendentes a desenvolver o instinto combativo do soldado. E, para que se saiba a importancia que esta especie de esgrima tem adquirido no estrangeiro <sup>1</sup>, basta referir dois factos ocorridos bem recentemente em França.

Nos luxuosos salões do *Grand Hôtel*, em Paris, efectuou a Sociedade Promotôra da Esgrima Francêsa, no dia 7 de março ultimo, sob a presidencia efectiva de M. Noulens, ministro da guerra, uma brilhante festa, a que assistiram, além do proprio Presidente da Republica, os membros mais considerados da alta sociedade, generais e outros distintos militares. Pois além dos assaltos de florete e *matches* de espada, em que tomou parte a falange gloriosa dos mais distintos esgrimistas civis e militares francêses, figuraram igualmente os assaltos á baioneta, nos quais se distinguiram por tal modo os capitães Sée e Cordeau, que os mais freneticos aplausos, dispensados pelo Presidente da Republica e mais espectadores entusiasmados, tolheram por algum tempo a continuação do espectáculo. Mas não foi sómente a esgrima francêsa de baioneta, que obteve a consagração dos assistentes, porque igualmente a teve a esgrima da mesma natureza japonêsa, que dois alúnos da Escola de Joinville-le-Pont executaram, sob a direcção de Breittmayer, que havia regres-

---

<sup>1</sup> Na Suecia, a esgrima de baioneta figura entre os exercicios ministrados no ensino escolar médio. No Ateneu de Lund os alúnos das classes superiores executaram a esgrima de baioneta na presença de visitantes, que o rememoraram num livro, que temos na nossa frente, com um vigôr e disciplina que fariam honra ás melhores tropas.



sado recentemente do Japão. E a impressão geral recebida foi tal, que o ministro da guerra a sintetizou logo na seguinte expressiva frase: «— A esgrima de baioneta é o desporto interessante por excelencia, dada a sua natureza essencialmente militar e francêsa».

Breves dias decorridos, em 11 e 12 de maio, realizou a Sociedade Militar de Esgrima o — Torneio militar de esgrima de 1914 —, ao qual os diversos estabelecimentos de instrução e corpos do exercito enviaram representantes, demonstrando nessa concorrência, não só que os exercicios de esgrima mereciam, mais do que nunca, o dedicado desvêlo das corporações militares, mas que continuavam a constituir apanagio da raça todos aqueles dotes virís, que a esgrima dá occasião a pôr em relêvo.

No campeonato individual de officiais tomaram parte não menos de 145, que todos revelaram qualidades de primeira ordem no decurso de porfiadas luctas, em que demonstraram conhecimento perfeito do jogo de espada. Seguiu-se o campeonato dos equipos de officiais, representantes das varias corporações, que não foi menos brilhante. A luta entre os aspirantes das Escolas Politécnica, Saint-Cyr, Saumur, Saint-Maixent, etc., que formavam 13 equipos de 3 atiradores, foi acolhida com geral simpatia, especialmente pelas damas, que abundavam entre os espectadores, e se não cançaram no entusiasmo com que saudaram os representantes da brilhante e ardente juventude. Não foram acolhidos com menores demonstrações de aplauso os 3 equipos, tambem de 3 individuos, que representavam as Escolas de applicação de Saumur, de Versailles e de Val-de-Grace. Mas o que conquistou as mais calorosas manifestações, por virtude dos progressos extraordinarios realizados nesse ramo de instrução pelos diversos corpos do exercito, foram os assaltos á baioneta, executados por um novo método racional, energico e pratico e com adopção de material especial. Cada um dos 136 equipos concorrentes era, tambem, constituido pelas 3 praças que haviam conquistado a classificação de campeões nos diversos corpos do exercito. Dentre esses equipos, pelos processos usados, foram seleccionados 24, que tomaram parte na prova final, a qual deu a seguinte classificação:

1.º — Infantaria n.º 57;

2.º — Infantaria n.º 105;



- 3.º — Infantaria n.º 3;
- 4.º — 3.º batalhão de caçadores.

Do modo como esses brilhantes grupos revelaram as suas aptidões, di-lo nas seguintes textuais palavras um autorizado espectador: — «Que vivacidade, que vigôr, que animação, que flexibilidade felina eles desenvolveram! Como souberam demonstrar bem, aos que o duvidassem, que a baioneta, arma decisiva do choque final, que constitui o epilogo fatal de toda a ofensiva resoluto, é uma arma essencialmente francêsa!» Os numerosos assaltos, que as noticias dos jornais tem anunciado como dirigidos pelas tropas francêsas contra as alemãs, comprovam a exactidão das palavras transcritas.

A Sociedade Militar de Esgrima promovendo o torneio, que temos descripto, demonstrou do modo mais eloquente como o exercito francês se estava virilmente preparando para a grande luta, a que no presente momento o mundo assiste absorto. Mas o que deve merecer reparo especial é que, tanto a Sociedade Promotôra da Esgrima Francêsa, de natureza civil, como a Sociedade Militar de Esgrima, de ordem marcial, ambas deram logar de honra nas suas festas á esgrima de baioneta, e que os espectadores acolheram as provas respectivas com demonstrações muito especiais de entusiasmo. O exemplo é digno de imitação no nosso país, tanto por parte do Centro Nacional de Esgrima, como pelo Ministerio da Guerra, e foi por assim o pensarmos, que precedentemente formulámos o voto de ser completada a doutrina da circular n.º 37, de 21 de julho de 1914, com providencias proprias para provocar o estímulo das competentes corporações militares em pró do desenvolvimento da esgrima de baioneta.

De quanto fica exposto parece redundar a demonstração quer pelas considerações doutrinaes, quer pelos exemplos praticos do ocorrido nos exercitos mais considerados, sejam grandes ou de pequenos, de que a ginastica suéca, pedagogica, educativa ou de desenvolvimento organico não é processo de cultura fisica de aclimação facil nas instituições militares, e muito mais designadamente nas que affectam o caracter de milicias.

Tanto menor seja o tempo destinado á transformação do homem em soldado, mais másculo, vibratil e intenso deve ser



o método de ginastica a seguir, de modo a obter o mais prontamente possível, com a resistencia ás fadigas, o despertamento e desenvolvimento dos dotes e aptidões virís, que são os que caracterizam o homem de acção. — «A salvação da patria, diz com grande propriedade o regulamento do serviço de campanha francês, depende da aptidão do soldado para suportar as fadigas e privações da guerra e, tambem, da sua tenacidade, da sua bravura e do seu ardôr no fogo.»

Deixem-se á escola, portanto, os cuidados do melhoramento da raça pelo aperfeiçoamento da estructura corporal e da consolidação da saude, porque para essa elevada, civilisadora e patriótica missão foi que Ling e seus discipulos e adeptos consagraram a ginastica educativa, e reserve-se ao exercito o trabalho de transformar, tanto os homens fortes e belos por tal modo formado como os que o não sejam por falta da adequada cultura fisica, em soldados, continuando a seguir, assim, a mesma inspiração que Jahn teve, quando pensou em preparar soldados ardentes e virís, capazes de desferrar os ultrajes de que a patria alemã havia sido victima ao ser esmagada pelos granadeiros de Napoleão.

Decorrido um seculo, ambas as ginasticas, creadas por esses homens illustres, estão vigentes e vigorosas, embora com modificações nos processos que originariamente as caracterisavam, mas o que resta intacto da traça primitiva, quer duma, quer doutra, são os intuitos primitivos. Na época em que a higiene, a cultura do belo e o humanitarismo têm consagração muito especial, e a nossa raça tanto necessita vigorizada nas suas condições morfológicas, a ginastica educativa não deve deixar de ser animada e propagada, mas nos devidos tempo e lugar; e ao considerar igualmente que as ambições e vaidades internacionais, mais do que nunca se liquidam a ferro e a fogo, não póde igualmente deixar de merecer especial consagração nas fileiras do nosso exercito o método, que tem por lêma: «Lebe, wer leben kann!» (Viva, quem póde vivêr!).

Para que se não prejudiquem ambas em praticas estereis, destrincem-se clara e decisamente os respectivos campos de acção: á ginastica educativa caberá a — escola; á ginastica militar, despida inteiramente de quaisquer processos atléticos<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> O método de Hebert, de natureza eclectica, póde ser considerado como uma das variedades da ginastica militar, que corresponde á aspiração exposta,



incumbirá o — quartel. Este será o natural complemento daquela, e, por uma tal sucessão metódica e persistente, conseguir-se-á na medida possível a transformação da raça, de modo a constituir uma população simultaneamente béla, forte e viril.

Tal é o parecer de um velho soldado que, embora retirado já dos quadros activos pelo adeantado dos anos, ainda continua a amar e a seguir com o mesmo interesse dos tempos da mocidade todas as questões vitais para a solida constituição do poder militar da sua patria.

General MORAES SARMENTO.

com a reserva, porém, de serem reduzidos os seus exercicios de flexibilisação, os quais cabem muito bem no amplo tempo que os alunos das escolas de Brest e Lorient frequentam estes estabelecimentos, e no periodo da vida que atravessam, no acto de admissão, qual o da adolescencia, mas se não compadecem, sobretudo nos exercitos milicianos, com a brevissima duração das escolas de recrutas, compostas de mancebos já no periodo da varilidade.



# COMEMORAÇÃO DA BATALHA DE VITORIA

Um vol., em 8.<sup>o</sup> grande (18/24) de 136 pags. ilustrado com oito gravuras, de que uma delas é o Plano do campo da luta.

E' uma brilhante e documentada monografia da grande batalha que, tão justiceiramente, tem sido denominada, pelos proprios franceses, a

## **Waterloo do meio dia**

Circunstancias privativas e profundas da movimentada vida interna do nosso país arrefeceram o quente entusiasmo com que se iniciára, há 6 anos, a comemoração dos feitos d'armas que enaltecera e sublimara o povo e o exercito de Portugal, nessa tragedia enorme que foi a Guerra da Peninsula.

Assim, deixados já sem homenagem, official ou particular, os centenarios das batalhas de Fuentes de Oñoro, Albuera e Salamanca e dos sitios de Cidade Rodrigo e Badajoz, um doer dalma seria que o da batalha de Vitória fosse lançado ao mesmo e estranhavel esquecimento. Para que tal não succedesse, a illustre e illustrada *Comissão official executiva do Centenario* resolveu: Solicitar, do Ministerio da guerra, que o dia 21 de junho de 913, fosse larga e condignamente recordado em todas as unidades do exercito (como, com efeito, S. Ex.<sup>a</sup> o ministro o ordenou) e, além disso, fazer aparecer — num dos jornais de maior tiragem de Lisbôa — um descritivo das multiplas fases dessa monumental batalha, que deu de si a libertação da Espanha, a expulsão dos exercitos franceses que ainda a pisavam. Casos furtuitos impediram este ultimo proposito da Comissão, a que ela obviou publicando o presente opusculo, que, inicialmente, teve em vista a resolução de três interessantes problemas historicos:



I — Completar ou esclarecer a truncada biografia de Francisco da Silveira, o 1.º conde de Amarante, o official general mais graduado dentre os portuguezes presentes á batalha;

II — Verificar ou contestar a existencia da *Medalha de Vitória*; e se Silveira havia ou não sido um dos três unicos contemplados com tal venera; e

III — por ultimo, confirmar, invalidar ou negar mesmo, que se houvesse executado a *manobra do Amarante*, manobra que a Lenda popular e sobre tudo, o depoimento testemunhal do brigadeiro Celestino Soares, garantiam ter-se feito e redundado decisiva para o vencimento da batalha.

Não cabe num simples artigo bibliografico a analyse demorada e condigna, quer do *método* seguido para a investigação, quer mesmo a *forma* que se empregou na resurreição historica da batalha. Mas por issò mesmo que um e muitos problemas semelhantes por mim têm sido abordados, compreendo bonissimamente a odisseia — feita de trabalho persistente, esgotante e, quantas vezes! improficuo; de milhares de esperanças fagueiras e de centos de decepções tremendas — reclamada, animando e insurgindo o signatario desta monografia, cuja provada capacidade investigadora mal se acoberta com as modestas letras R. C. Nelas leio eu as iniciais do apelido do meu antigo e proficiente professor no Colegio Militar, o brilhante e prestimoso literato e general, o ex.º sr. Rodrigues da Costa. Portanto, não para mim — que por experiencia propria lhe conheço a justiça — mas para o grande publico, importa que se trasladem algumas das frases, que, espalhadas pelas 136 grandes paginas do presente opusculo, são outros tantos brados, soltos pelas esperanças desiludidas do seu autôr:

\*Se (a Comissão) alcançou reunir as peças officiais que achou dispersas em varios livros, no nosso desafortunado arquivo militar nada, *absolutamente nada* encontrou que a elucidasse. Subsídios de origem particular, sobre tudo no tocante á batalha, nenhuns obteve. Recorreu até ao estrangeiro. *De Espanha nem a indicação veio dum livro que descrevesse a batalha*. Da Inglaterra, emfim, onde há arquivos e quem os organise e lhes apre-



cie o alcance, alguns esclarecimentos vieram, e esses vão adiante publicados».

Refere-se aos Relatorios de Hill e de Graham que respectivamente comandaram as *alas* direita e esquerda da batalha. Se esses — como o confessa o sr. Rodrigues da Costa — «dela dão muito desconexa e superficial narrativa», não é mais minuciosa e explicita — há de concordar-se — a Parte oficial, dada para Londres, pelo comandante do *Centro* dos aliados e seu general em chefe — Wellington. Tão cioso era das suas descrições, que, para evitar... *improprios e descabidos desacordos* propoz (ao começo da Campanha de 1810) e conseguiu que, Beresford — não obstante ser o comandante em chefe do exercito portugês — deixasse de remeter para a Regencia do Reino (que governava o país em nome do futuro D. João 6.º) Relatorio, em separado, da interferencia que as proprias tropas portuguesas houvessem tido nas variadas fases das batalhas pelejadas, ombro a ombro, com os soldados da Grã-Bretanha...<sup>1</sup> Descritivo, pois, de batalha, o seu; Beresford, que tirasse dêle o que poderia convir ao exercito luso, e o que tivesse por indispensavel fazer chegar á presença de S. A. R. o Principe D. João...<sup>2</sup>

Posto isto, apontemos em resumo ou julguemos com rapidês as famosas conclusões a que chegou o ex.<sup>mo</sup> sr. Rodrigues da Costa, ácerca dos três problemas historicos, que lhe mereceram o seu criterioso exame:

## I

### **A biografia do Silveira**

A biografia do conde de Amarante ficou «incompleta, como são tambem as outras que conhecemos, quer se recorresse ao Arquivo militar... quer valendo-nos dos papeis de familia, donde auxilio algum logramos alcançar.

... «A Silveira foi tambem oferecida em junho de 1811 pelos negociantes portugueses residentes em Inglaterra, uma magnifica espada de honra... Pois deste brinde, que tem uma alta significação patriotica, e sobre o qual há noticia na *Gazeta*

<sup>1</sup> Vidé *Despachos e correspondencia do duque de Wellington*.

<sup>2</sup> Idem, idem.  
1914



de Lisboa e nos jornais ingleses da época, não fazem menção, que saibamos, os aludidos biografos».

Existe com efeito a noticia; e tanto que há bastantes anos conheço tal espada, pela minuciosa descrição que li e transcrevi até no 1.º vol. do meu trabalho — *Subsidios para a historia militar das nossas lutas civis* (as Campanhas de meu pai) pags. 85 — vol. a saír do prelo em breves dias, sob os auspicios da Academia das Sciencias de Lisbôa.

## II

### **A medalha de Vitoria**

Era tradicional que, após a celebre batalha, o Governo inglês fizera cunhar três medalhas de oiro, especialmente destinadas a galardoar os chefes dos três exercitos, que, aliados, haviam combatido e vencido os franceses em 21 de junho de 1813. Mais nos dizia a tradição: que Silveira, o 1.º conde de Amarante, obtivera uma das três *Medalhas de Vitoria*, não porque fosse o comandante em chefe do exercito português, mas sim, porque na batalha comandára, com muito merito, uma divisão exclusivamente nacional.

Com documentos irrefutaveis mostra o ex.<sup>mo</sup> sr. Rodrigues da Costa que tal venera não existiu, mas sim a *Grande medalha de oiro*, inicialmente (a 9 setembro de 810) destinada a galardoar serviços na Peninsula e, pouco a pouco, concedida por acções militares prestadas em diferentes partes do mundo e substituida mesmo pela *Cruz de oiro* e consequentes *passadeiras*, que a Ordem geral de 7 de outubro de 1813 cria, descreve e regulamenta na sua forma, concessão e uso. Foi esta que Silveira recebeu, como aliás foi conferida a todos os officiais generais e comandantes de corpo (com graduação não inferior a tenente coronel) presentes á batalha.

Somos agora chegados ao terceiro e mais interessante dos problemas historicos de que o ex.<sup>mo</sup> sr. Rodrigues da Costa procurou a solução.



## III

**A manobra do Amarante**

E' aquele que vai merecer-nos uma justificada e mais longa referencia.

A batalha de Vitória, quer pela extensão da sua frente (14 a 16 quilometros) quer, e em particular, pela qualidade de terreno em que se empenhou (nas vertentes acidentadas, cortadas e cobertas do vale do *Zandorra*) decompoz-se em três combates parciais, concordando estrategicamente, mas de difficil, senão impossivel, ligação tática. Entre o flanco esquerdo do *Centro* dos aliados (Wellington) e o direito da *ala esquerda* (Graham) mediam-se uns sete mil metros de intervalo; pois a natureza do terreno era tal, que, desde o romper da alva, Graham houve de destacar para a direita a brigada portugêsa de Bradford (13 e 24 de infantaria e caçadores 6) «para as alturas para *diligenciar* pôr-se em comunicação com a coluna do centro» <sup>1</sup>.

Pelo estudo comparado dos Relatorios de Wellington, Graham e Hill, depreende-se: que a autoridade do general em chefe apenas se fez sentir pelas ordens mandadas:

= a Hill (comandante da *ala direita* dos aliados) para atacar a aldeia de *Subjana de Alava* (cuja hora de expedição não é facil precisar);

= e a enviada, *ás 2 h. da tarde*, a Graham, para fazer uma activa demonstração sobre a direita francêsa (general Reille) isto é, «*avançar e incomodar o inimigo do nosso lado*» — como relata o comandante da *ala esquerda* dos aliados <sup>2</sup>.

A esta hora os quartéis generais de Wellington e Graham estariam a 10 ou 12 quilometros um do outro; o que nos dispõe a admitir que a ordem do general em chefe levou — quando menos — uma hora a chegar ao seu destino.

*A's 3 da tarde*, porém, não só os hespanhoes, de Longa, tinham tomado *Gamarra menor* e os portugueses de Pack (1 e 16 de infantaria e caçadores 5) e os ingleses de Oswaldo (5.<sup>a</sup>

<sup>1</sup> Vidé o n.º 5 dos *Documentos* adjuntos á mónografia que nos ocupa, pags. 104.

<sup>2</sup> Idem, idem.



divisão) se haviam apoderado já da *Gamarra Maior*, mas também uns e outros repeliam, uma vez mais, os desesperados retornos ofensivos de Reille, empreendidos no baldado intento de reaver estes postos, a cavaleiro das estradas de *Durazo* e de *Irun* a melhor e a mais pronta linha de retirada do rei José Bonaparte.

Sem que esta observação possa ser tomada á conta de menospresadora da superioridade do plano de Wellington e, menos ainda, das capacidades estratégica e tática provadíssimas dos seus logares-tenentes, o que se depreende, é que a ordem do generalissimo, expedida ás 2 h. da tarde, provocou apenas o ataque e a tomada da aldeia de *Abechuco*, ponto de apoio de grande importancia não há duvida, mas não tão determinativo, para o resultado final da batalha, como as duas *Gamarras*.

Infelizmente o Relatorio de Hill é menos detalhado do que o de Graham; e digo *infelizmente*, porque, para o problema historico que nos ocupa, se os movimentos da *ala direita* dos aliados (onde se contava a divisão portugueza do tenente general Silveira) nos fossem descritos, ainda que apenas nas suas fases capitais, tornariam duma flagrante evidencia o que doutro modo fica — mais que muito presumivel — claro, isto é, *a existencia e a eficacia da manobra de Amarante*, como vou empreender demonstrar.

Em quatro traços vejamos qual era a *situação* das 2 para as 3 da tarde de 21 de junho:

Ás 2, Wellington, transposto o *Zandorra* em *Nonclares*, *Villados*, *Trez Pontes* e *Mendoza*, progredia arrastadamente, apoiado pela sua *Ala direita* já de posse das alturas, ponte e aldeia de *Puebla de Argason*.

Assim se compreendem as ordens expedidas a Hill, para tomar *Subjana de Alava*; e a Graham, para pronunciar a sua forte demonstração sobre a *Direita* franceza.

Assim e por consequencia, o *Centro* dos aliados pode adiantar-se sobre *Arinez* e *Zuazo*. Proximo das 3 da tarde, o rei José, vendo o córte da sua linha natural de retirada sobre *Irun*, os progressos do *Centro* dos aliados e a debandada, mais do que retirada, do seu flanco esquerdo (general Gazan) teve a



compreensão nitida do desastre que ía succeder-se, constringido, como era, a fazer escoar **por uma só estrada**, a de *Pamplona*, a sua pesada impedimenta (agrupando-se em torno de *Vitória*) as suas 150 a 160 bôcas de fogo e o melhor de 40 mil homens, senão de todo desmoralizados, pelo menos rijamente contundidos e ultra suspeitosos da possibilidade do successo. Para mais era exatamente sobre essa mesma estrada que se empenhavam agora os esforços do Corpo de exercito de Hill. Este trazia como reserva de sector, a divisão do conde de Amarante (como sabemos, infantaria 2 e 14, 4 e 10 e caçadores 10) que marchava, natural e verosimilmente, no flanco exterior da sua respectiva ala direita.

Conhecido o character voluntarioso de Silveira <sup>1</sup>, compreender-se-ha quanto lhe teria repugnado a desesperadora inactividade, a que a situação tática das suas tropas o constringera até essa hora decisiva da batalha. Habitudo a operar por conta propria, medindo o alcance e o efeito produzidos pela simples ameaça ao flanco ou ao revez da posição de socorro organizada pelo conde de Erlon, melhor se entende que o Amarante (operando com inteligente iniciativa no campo restrito da *Ala direita* dos aliados, como Hill procedera no conjunto da batalha, que a essa hora tocava a sua crise suprema) se aventurasse a avançar, procurando a solução da crise, não no *envolvimento* immediato, quasi impossivel de conseguir, mas no *torneamento* prévio, dando de si — num espaço de tempo mais ou menos longo — a ambicionada queda sobre o revez dos franceses de Erlon: Ora, pois, tentativa *torneante*, que o *espaço* e o *tempo* não deixaram chegar ao contacto, que seria o *envolvimento*; ameaça de corte da estrada de *Pamplona* a linha de retirada dum exercito, física e moralmente abalado e vencido, tal foi a *manobra de Amarante*. Este movimento de larga envergadura, denunciado pelas *descobertas* da cavalaria da divisão Vilatte, provocáram e precipitáram — tornando-a tumultuosa e enfrene — a retirada dos franceses, que o Silveira não pôde colher ás mãos e que os Corpos de Erlon e de Rielle, em *Vitória*, num paroxismo de bravura semelhante ao da Velha Guarda, em *Wa-*

---

<sup>1</sup> Vide o retrato físico e moral que dele damos nos capitulos II e III da *Genesis*, primeira parte dos nossos citados **Subsidios para a historia...**



terloo, dois anos mais tarde, salvaram da capitulação em campo aberto.

\*

Ainda mais: a *manobra do Amarante*, creio vê-la implicitamente apresentada e encarecida até, no proprio Relatorio de Hill. Diz-nos o feliz e famoso general inglês:

«Desde essa ocasião, o inimigo que tínhamos na nossa frente, começou rapidamente a retirar e foi *seguido pela colúna da direita* (como sabemos a da divisão portugueza de Silveira) *contudo a dificuldade do terreno em que tinha de passar, levou-a para traz das outras colúnas do exercito, não tendo ocasião de chegar ao contacto do inimigo*».

E, repare o leitôr no que se segue:

«O tenente-general conde de Amarante e o tenente-general Stewart, comandáram estas divisões (a portugueza e a 2.<sup>a</sup> inglesa) de maneira a merecer os meus melhores agradecimentos».

Como se sabe, a 2.<sup>a</sup> divisão inglesa, repeliu a divisão Gazan e conquistou o terreno e a aldeia de *Subjana de Alava* ao preço de muito sangue. Portanto, para que o titulo de Silveira antecedesse o nome de Stewart (precedencia que Wellington não respeitou) e para que Hill rendesse aos seus divisionarios — um inglês e outro portuguez — iguais elogios, preciso é que Silveira houvesse feito qualquer coisa de decisivo, já que a contribuição de sangue da divisão luzitana na batalha se limitou a um morto e dois feridos! <sup>1</sup>

Consideremos ainda, o que é importante: O Relatorio de Hill era, até ha pouco, quasi desconhecido no nosso país. Lícito é supôr que Celestino Soares, o modesto alferes de infantaria 10, em 21 de junho de 1813, mas o integro character e o superior espirito que sempre foi no exercito portuguez, Celestino Soares, dizia eu, lhe ignorava os promenores <sup>2</sup>. Pois bem, ao publicar, passados 57 anos, as suas *Observações á batalha*, tem uns periodos, que podem hoje tomar-se como um feliz elucidario, daquele que Hill subscreveu e que ha pouco transcre-

<sup>1</sup> Vide a 1 das *Notas historicas* do opusculo que estamos analisando.

<sup>2</sup> Com efeito nas suas *Observações á batalha de Vitória*, aparecidas na *Revista Militar*, em maio de 1870, só mostra conhecer os de Wellington e Beresford.



vemos. Depois de explicar o intuito da *manobra do Amarante, tendendo a cortar a estrada de Pamplona*, acrescenta:

«Com efeito, á medida que o ataque de frente progredia, a divisão portugueza ganhava terreno sobre o flanco e rétaguarda do inimigo, forçando-o a abandonar as suas posições. . . Nós estávamos na divisão do seu comando (do Silveira) e vimos o poderoso efeito que este movimento produziu»<sup>1</sup>.

\*

Certos, pois, da «desconexa e superficial narrativa» que, da batalha, são «as peças oficiais»; faltos de *Memorias* dos numeros oficiais-generais e superiores portuguezes que intervieram na Guerra da Peninsula; sem imprensa que lhes registasse as impressões de momento, necessario é que o critério historico-militar nos guie, pezando, medindo e comparando, para que possamos aceitar, contestar ou regeitar «quanto, á sua plena vontade, descreveram e comentáram franceses e ingleses».

É por isso e por ultimo, que tomamos na devida consideração as felizes deducções do ex.<sup>mo</sup> sr. Rodrigues da Costa, para aceitar *a existencia e a eficácia* da **manobra do Amarante**, enca-recendo mesmo a ultima, isto é, o pedido do conde para deixar o exercito e voltar a Portugal, quando a guerra tocava o seu termo, filiando-o e naturalmente, na justa suscetibilidade e no plausivel melindre de vêr esquecidos os seus serviços, evidentes em *Vitória*, comprovadissimos em *Porto Maya*, relevantes nos *Pireneus* e prestimosos em todas as Campanhas com efeito, para que um homem, como o incançavel heroi trans-montano, embaínhe a espada na frente do inimigo ainda que já exausto, para que o *unico* divisionario portuguez, exercendo co-mando, abandone as suas tropas, que o adoravam, preciso era que as decécões o houvessem mal ferido no coração e na cabeça. E esse doêr d'alma foi tão intenso, que o seu arcaboço de bravo e de forte feneceu, oito anos mais tarde, a esvaír-se em assassinas hemoptises!!

F. SÁ CHAVES

Tent. cor. de cav.

<sup>1</sup> Vide a IX das *Notas historicas* do opusculo em questão.



## A OCUPAÇÃO DOS DEMBOS

Como está na ordem do dia a ocupação de uma parte do distrito do Congo, continuando sem solução há quarenta e dois anos (!) o problema da ocupação criteriosa da decantada região dos Dembos, que limita aquéla pelo Sul e se encontra ás portas de Loanda, público o meu seguinte plano de ocupação, que se funda na acção pacifica, de preferencia a todas essas operações que possuem o mau séstro de deixarem sempre esta região peor do que estava anteriormente.

Os meus projectos que a recente fragmentação do poder do Caculo Cahenda em 1913 não modificaram, exigem sómente uma companhia, em lugar de duas que agora foram atribuidas á região e que nada farão, sem estudo e método, a não ser que o comercio consinta na continuação da proibição da polvora e que a tzé-tzé se torne nossa aliada flagelando até final essa desgraçada região do sôno.

Tudo porém resultará inutil se o discutidissimo *Regulamento das Circunscricões de Angola* não fôr convenientemente refundido e se a escolha dos administradores, comandantes e capitães-móres se não fizer com escrupuloso criterio. Só assim se poderá evitar que, a ganancia dos menos honestos, a falsa energia dos menos ponderados, provoquem a rutura do equilibrio — que muito importa manter — entre o prestigio da soberania portugûesa e a falta da preparação previa do gentio, desequilibrio que origina, como vulgarmente se afirma, 90 % das suas revoltas, pois que nos negros de Angola os espiritos de independencia ou guerreiro se mantem insipientes <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> *Nota da Redacção*: As informações que o estudo dêste nosso colaborador nos fornece sobre uma parte do nosso dominio colonial, aonde por largos anos permaneceu, levam-nos a não deixar passar a oportunidade da sua publicação no actual momento historico.



## I

**Hipotese de operações**

A região dos Dembos é acidentadíssima, de modo que ora nos vemos numa altura, ora nas profundezas dum vale.

Metade deste terreno é coberto de matas desligadas umas das outras, algumas tão cerradas que nem nelas penetra a luz do sol; a outra parte é ocupada por capim alto como caniço.

Aumenta sensivelmente de declive de S. para N., salientando-se no meio dela dois grandes massiços: o do Cazuangongo e o de Caculo Cahenda, entre os quais, ao fundo, dorme Sassa — a povoação que depois de perder a antiga categoria de séde do concelho foi transformada pela tzé-tzé na perfeita necropole de hoje.

Individuos que fizeram parte da coluna de 1907 dizem que os peores caminhos dos Dembos são os que dão acêso a Caculo Cahenda; em compensação as matas do Cazuangongo são um pouco mais prolongadas.

Passado o Zenza, todos os caminhos são pessimos, especialmente o de Camabela a Caculo Cahenda, nunca percorrido por coluna alguma até 1909.

Excetua-se o caminho de Sassa até Quibaxe Quiamubemba, relativamente bom e com o qual entroncam os caminhos para o Cazuangongo, Caculo Cahenda, Pango Aluquem, Amuquiama (Caculo Congola) etc.

Sassa foi por isso a base de operações de 1793 e 1872.

O terreno á volta de Quibaxe Quiámubemba e bem assim daí para o N. afigura-se plano.

O massiço do Cazuangongo ergue-se adiante do posto militar de Quinguengues como uma vedeta dos Dembos e do forte de Caculo Cahenda, parecendo um monstro estendido, no prolongamento de cuja cauda sobressai como um farol o monte de S. Silvestre do Amuquiama.

O morro de Cala ou de Calunga afigura-se de Caculo Cahenda outra esfinge.

Na passagem de Quissango para Quissaquel, na marcha de Camabela para o Lombige, um conjunto de montes sucessivos, projectando-se no espaço como bicos de serra, ao pôr do sol



faz parar qualquer viajante habituado a vêr belos panoramas, extasiado perante este aspecto particular e tipico da região dos Dembos.

Numa região destas, por onde o inimigo se esconde e se escapa com uma facilidade felina, não admira que a poderosa coluna de 1907 se extenuasse em lutas estereis e que em nada, absolutamente, sobrelevasse a de 1872.

Tanto assim que há quarenta anos o Casuangongo ficou por muito tempo socegado, chegando a não se importar com o nosso humilde avanço até Quichona (Delegação), ao passo que recentemente, após o sacrificio de tanta vida e de tanto dinheiro, temos sido forçados a manter uma dispendiosissima linha de postos, com a missão exclusiva de suster esse rebelde nos seus altivos dominios.

Igualmente não admira que os povos dos Dembos, de sua natureza rude e livre, julgando-se invenciveis, nos não aceitem na maior parte das suas terras e nos vão deixando apenas transitar, sem grandes alargamentos, entre o Luango e Quibaxe Quiámubemba, por uma especie de gentileza, comoda para êles.

O éco produzido pela ocupação de Caculo Cahenda foi grande, e o facto, apesar de praticado por um official não rotulado de heroe, não há de perder com o decorrer dos tempos, mas não foi de tantos efeitos imediatos como seria, se começassemos a ostentar e a fazer mover por aqui as nossas tropas.

Ainda assim por esta ocupação, com um punhado de soldados neste forte, se neutralisa ou impede a união do Caculo Cahenda, Mahungos e M' Bula Atumba com o Casuangongo, ou vice-versa, o que já não é pouco. A ocupação dêste centro para qualquer lado é agora muito mais facil.

Quando para aqui avançámos o proprio Caculo Cahenda começou a encaminhar para nós os potentados visinhos, Quibaxe e Mahungos, nos quais tem influencia, e sobre os quais ambicionou logo exercer maior hegemonia. Porem, logo que compreendeu que a guarnição não era para temer e que a um gesto seu lutaria com a fome, o Caculo Cahenda foi-lhes fazendo vêr que por emquanto a força maior está do seu lado.

A nossa situação nos Dembos, nomeadamente na capital, onde temos tido menos de trinta homens que não podem ser socorridos em menos de vinte dias ou um mês, é portanto uma



situação tolerada, vivendo-se aqui num perfeito equilíbrio insustentável.

Depois das lutas que se vêem travando nos Dembos desde tempos históricos e especialmente desde 1793, 1872 e 1907 apenas possuímos esta ocupação de valôr.

A nossa situação nos Dembos vai-se contudo profundando lentamente e o Caculo Cahenda considera-se conquistado, mas a guarnição que aqui está é como fica referido, tão diminuta e encontra-se tão mal servida de comunicações, de provisões e de facilidades, que *o comandante entende que, antes de se poderem fazer exigencias ao gentio, como força-los a capinar os caminhos, a fornecerem carregadores e a pagarem imposto, é preciso ser reforçada por uma colúna volante, sob pena do gentio se sublevar e de nem uma colúna de 300 homens ser capaz de, depois, normalisar a situação.*

Os povos do Caculo Cahenda vão vivendo em boas relações connosco, mas uns sobas só reconhecem a autoridade do dembo; outros nem a nossa nem a do dembo.

Vivendo separados uns dos outros por odios e rivalidades que no entanto os não impedem de no momento do perigo se unirem contra nós, *precisam de vêr tropa para se convencerem de que é chegado o momento de nos obedecerem sem rabulices e de pagarem o imposto*, conforme o Cazuangongo e outros pagavam antes de 1870.

Por indução e menos por evolução pouco mais se conseguirá destes selvagens de raça cruzada com a «luanga», dentro dos quais ha quarenta anos circula o sangue da revolta e da liberdade, erguendo-se diante deles, como um exemplo a seguir, a impunidade do Cazuangongo.

Ao assumir pela segunda vez este comando não me sofreu o animo presenciar este estado de coisas, e por isso expuz ao quartel general o que julgava ser preciso fazer-se para efectivar a ocupação do Caculo Cahenda, em conjunção com a ocupação da parte restante dos Dembos, que está inteiramente por fazer.

Referi-me então só aos dembos que nos habituamos a vêr segundo o Relatorio das Operações de 1907 e não áqueles outros dembos e povos de que este forte é centro e que reclamam igualmente a nossa ocupação. Tais são os potentados a nordeste do Luango, o M'Bula Atumba, os Mahungos e os Dembos do Norte, que vão ser aqui mencionados.



Esses meus projectos fundam-se um tanto ou quanto no sistema de occupação diplomatica que, por mais pacifica que seja, não póde excluir a reserva da força, pela mesma razão que os mais apregoados resultados da occupação a tiro estão constantemente a causar as maiores surpresas, devido á falta das mesmas forças de policia.

Esta região é como se sabe acidentadissima e cheia de matas, succedendo que os nossos peores inimigos são exactamente aqueles que se não veem.

Querendo nós occupa-la rapidamente e duma vez para sempre, já não temos que nos preocupar com a grande força nem com a grande influencia do Caculo Cahenda, se não para contar com êle e seus amigos a nosso favôr.

Basta-nos pensar no Cazuangongo, cuja maior força consiste em se saber esconder, depois no M'Bula Atumba, no Quilombo (perto do Golungo Alto) e por ultimo nos Dembos do Norte.

A banza do Cazuangongo reduz-se a meia duzia de cubatas, dizem que frente a frente a este forte, no alto duma estreita clareira que parece dar-lhe acêssão daquí para lá.

A força que se lhe atribue é mais moral que material. Disporá de 150 espingardas. O Muando e o Gimbo Aluquem é que são solidarios com êle e fazem elevar os combatentes a quatrocentos.

O Cazuangongo não é um potentado nem um heroe, é um renitente, que personifica a insubmissão dos Dembos, pois quando é atacado não aparece á frente dos seus combatentes a afastar as balas com a cauda de bufalo; pelo contrario, refugia-se immediatamente com os seus macotas nas muitas cavernas de nós desconhecidas, que dizem haver na serra.

Estes povos não possuem qualidades algumas de guerra, proporcionando-lhes a vegetação habitos perfeitamente cobardes, pois nenhum é capaz de se apresentar descoberto ou atacar pela frente, com excepção dum ou outro atrevido ou dalguns desertores, sendo perfeitamente admissivel que o Cazuangongo tenha sido o refugio de criminosos.

Não atacam juntos, mas espalhados segundo a profundidade das colúnas, disparando e retirando imediatamente.

O armamento é o que há de mais ordinario.

Ferrugentas espingardas de comercio, umas antigas de pederneira, outras mais modernas e de capsulas, bem carregadas



de polvora, de pedacitos de ferro e de pequenas pedras duras (zagalotes), razão porque só podem fazer fogo á queima-roupa.

Adquirem este material de guerra nos concelhos limitrofes especialmente no Ambriz e em Calunga, povoação esta á porta do Cazuangongo, de modo que só falta sermos para com ele duma amabilidade a ponto de lhe mandarmos para lá polvora a credito, um artifice para lhe concertar o armamento e instructores para os militarisarem.

E' o comercio da polvora um grande estorvo para o progresso e um encargo para o Estado, que paga muitas pensões de sangue, mas por uma dessas triviais incoerencias sociais, não se proíbe, para que o vendedor ganhe alguns vintens, que do contrario ganharia por efeito da criação de necessidades ao preto.

\*

\*

\*

No entanto, partindo do principio de que as baixas e a rapidez das operações são inversamente proporcionais ao numero das tropas que empenharmos, sem que a esse aumento de pessoal corresponda maior despeza, e considerando que devemos ter a maxima cautela para haver a certeza de que o Cazuangongo será aniquilado de vez, julgo indishensavel mandarem-se contra êle 800 (oitocentos) homens, pelo menos.

Não tem este calculo em vista fazer triunfar em toda a linha, devido á sua superioridade numerica, mas sómente prevenir insucessos que, mais uma vez repetidos, podiam tornar-se em desastre nacional.

Não é demais tornar a dizer que, em numeros redondos, a colúna de 1872 se compunha de 400 homens, tendo como resultado o abandono do estrategico posto de Sassa; e a de 1907, excluindo as tropas dos serviços d'etape, compunha-se de 600 prontos para combate (incluindo um grande troço de europeus), tendo como resultado ficarmos áquem da estratégica Delegação, cuja posição não podemos sustentar.

A colúna de 1907 não poudo lutar senão com o Cazuangongo e sobas sob a sua influencia; a futura colúna, se precisar de lutar, não encontrará pela frente rebeldes menos valentes, nem menos invisíveis.

Essa colúna dividir-se ha em três fracções e, para se dirigir



contra o Cazuangongo, nenhuma delas deverá avançar pelo Alto Dande, Ambrís ou outras partes longinhas, despendendo energias e reclamando um serviço de etapas complicado como em 1907.

Todas as tropas que se destinem contra o S. e centro dos Dembos tem á sua disposição um triangulo verdadeiramente estratégico, cujos vertices são: Calunga, N'Gombe Amuquiama e Caculo Cahenda.

O Cazuangongo fica entre estes três pontos, junto do vertice de Calunga, que é naturalmente a base de etapas e a base de operações dos Dembos, salvas é claro, as modificações proprias do avanço, em que a base deslocar-se ha, neste caso, para Sassa, Cáculo Cahenda, etc.

Esta colúna dividir-se ha em três fracções e será o mais ligeira possivel, com prejuizo da importancia que a artilharia e a cavalaria lhe dão.

As metralhadoras não tem campo descoberto e a peça terá uma applicação muito restrita, como por exemplo bombardear Muando, cidadela dos rebeldes.

Em Moçambique admite-se a utilidade das metralhadoras, dos canhões revolveres e das peças, para suster o avanço dos *Mangas*, assim como nos plainos do Cuamato, onde o gentio bem armado defendia com valentia o passo do invasor.

Para uma região acidentadissima e coberta de mato cerrado e onde não ha embaldas ou fortificações gentilicas, que convenha bombardear, para evitar perdas das preciosas vidas dos nossos, depois das experiencias de 1907 e 1908 seria um erro de cabo de esquadra trazer-se uma grande impedimenta ou um grande trem bélico, pois o efeito moral produzido pelos estampidos das bôcas de fogo, não valem a decima parte dos transtornos que causa o transporte desses enormes pêsos, quer a pau e corda, ao hombro do carregador faminto e que mal vê onde põe os pés, quer a dorso de muares, que são outros obstaculos.

Cavalaria para os Dembos, só se vier para servir de maior alvo, ou para o *cassassau* matar os cavalos.

Pelo contrario, sem essas armas de reclamo, talvez o gentio fuja menos e é disso que precisamos, para o liquidarmos prontamente.

O material pesado, vem descaindo sempre para a rétu guarda



e é exatamente a cauda das colúνας, especialmente nas retiradas, que este gentio mais ataca.

Não haverá vantagem em fracionar mais a colúna, não só porque ela póde ser violentamente atacada por um só lado, provavelmente Quichona e Muando, mas ainda porque nem uma rêde de 1:200 homens, seria capaz de garantir a caça da fera Cazuangongo.

De resto, o aprisionamento deste, não é de efeitos decisivos.

A melhor época das operações seria em março, porque não tendo ainda o gentio feito as colheitas, as razias seriam por si só uma grande guerra. Mas, por causa das chuvas, a colúna deverá começar a sair de Loanda, impreterivelmente em 15 de maio. O gentio terá ainda muitos ceriais nas lavras e não terá tempo de os esconder. Igualmente nos convém esta época que é a da relativa abundancia. Três meses depois, o gentio amigo, nada teria para nos vender, porque eles não contam nem com eles próprios.

Não teremos vantagem alguma em reconstituir as reconditas e insignificantes povoações rebeldes, porque eles hão de ser por largos anos traçoeiros e errantes e portanto a colúna poderá ser inexoravel contra tão persistentes e rancorosos inimigos, que se poderiam julgar completamente inúteis, se nos não fôsem tão prejudiciais.

### Preparativos

1.º — Melhorar as comunicações de Calunga com os postos de que terá de se utilizar a colúna, a saber: Quinguengues; Maravila; e Caculo Cahenda, via Sassa, prolongando a linha telegrafica até Quinguengues e até Caculo Cahenda.

2.º — Os caminhos serão limpos e abertos por degredados indigenas e praças de 2.ª linha, uns e outros dispendo de armas, havendo um sargento encarregado da direcção do caminho, do comando do pessoal e da alimentação.

3.º — Estabelecer um posto de comunicação em Porto de Sassa, na margem direita do Lombige, guarnecida por um cabo e 6 soldados e 2 serventes, para encarregados das canôas e do abastecimento.

4.º — Nomeação dum sargento para comandante da divisão de Calunga que é a primeira base de etapes dos Dembos. Este



sargento acumulará estas funções com as de encarregado do correio, do telefone, do destacamento de 2.<sup>a</sup> linha em Calunga e coadjuvará o oficial dos serviços administrativos.

Se um militar fôsse encarregado do telefone, o comércio de Calunga seria forçado a transmitir telegramas para Senze do Itombe, cujo rendimento podia constituir a gratificação especial desse funcionario.

5.<sup>o</sup> — Nomeação dum official de administração militar para estudar e preparar o abastecimento das colúnas por Quinguengues, por Mandele e por Caculo Cahenda, tratando tanto dos objectos a transportar como da fórmula de se angariarem os carregadores necessarios.

6.<sup>o</sup> — Construção das canôas em Porto de Sassa, devendo a passagem em Quinguengues e em Mandele efectuar-se em jangadas armadas na ocasião, sobre barrís alcatroados ou em coisa mais simples, afim dos rebeldes desconhecerem o plano até final.

7.<sup>o</sup> — Proibição de todo o commercio de armas, fulminantes ou capsulas e pólvora, nos concelhos do Alto Dande, Ambrís, Encoge, Cazengo, Ambaca e Golungo Alto, desde que seja tomada a resolução de se baterem os Dembos.

### Execução

O 1.<sup>o</sup> troço da colúna, composta de 350 homens marchará 15 dias antes para o Pango Aluquem, mas transitará por Caculo Cahenda, não aó para aqui descançar, enquanto se manda avisar o Pango, para preparar alojamento e mantimentos, mas ainda porque é conveniente fazer crêr ao gentio que o movimento desta força não se relaciona com o Cazuangongo.

Estes 350 homens encontrarão nesta época uma grande quantidade de mantimentos no Pango e Quibaxe, além do gado, podendo a outra parte ir de Calunga, Caculo Cahenda e N'Gombe Amuquiama.

Esta força terá por objectivos:

- a) Neutralizar completamente os Dembos de Leste e o Quibaxe, o Pango e o N'Gombe;
- b) Ameaçar o Cazuangongo pelo N.;
- c) Estabelecer um posto militar ao norte do Cazuangongo, na banza D. Luís do Pango, ou outra.



O 2.º Troço, composto de 200 homens, sairá de Loanda quando se calcular que o 1.º está no Pango. Antes mais tarde do que mais tarde do que mais cedo. Seguirá como o anterior até Calunga e d'aí marchará rapidamente por Cala, Mandele e Quinguengues até Quichona (logar da nossa antiga delegação dos Dembos), fechando o mais possível a saída dos rebeldes para os lados do N'Gombe e preparando-se para os bater em conjunção com o terceiro troço.

Esta força será abastecida por Senze do Itombe, Calunga e Quinguengues sem dificuldade.

Terá por missão:

a) Impedir a expansão dos rebeldes para os lados de Sala Mubemba e do N'Gombe Amuquiama, obrigando-os pelo contrario a concentrarem-se no Muando;

b) Restabelecer, enquanto se não ocupa o N'Gombe Amuquiama, um pequeno posto no local estrategico e tradicional da Delegação;

c) Bater os rebeldes em conjunção com a colúna do Muando, mantendo-se na defensiva até ao momento oportuno.

Deve esta força ter em vista que o vale do Colume é onde os rebeldes teem feito o seu maior campo de batalha, quer em 1872, quer em 1907, causando-nos aí bastantes baixas.

O 3.º troço, com o comandante geral das operações, composto de 250 homens, entre os quais qualquer nucleo europeu, uma peça e uma metralhadora, sairão de Loanda quando de Calunga telegrafarem que o 2.º troço passou o Zenza.

Emquanto os rebeldes se distraem a pensar no 1.º e 2.º troços, este 3.º procura sem demora alcançar o Muando, por Porto Mandele, ou directamente por Cala. Será facilmente abastecido por Calunga.

Muando é a cidadela dos rebeldes. Deverá a colúna prevenir-se contra as covas de lôbo, contar com abatizes e outros obstaculos.

Será preferivel cercar a banza de largo e não procurar bombardiá-la senão depois de cercada, pois de contrario não encontrarão viva alma dentro dela.

Terá por objectivos, como se vê:

a) Tomar a banza;

b) Estabelecer aí um forte;

c) Perseguir os rebeldes de encontro ao 2.º troço.



Depois da delegação e Muando ocupados e de os dois troços baterem mais ou menos os rebeldes, raziando-lhes tudo, sem se preocuparem demasiado com a tática do Cazuangongo, cujos esconderijos só poderão ser indicados por algum prisioneiro, deverão as duas frações seguir para o Norte, em direcção ao Pango Aluquem, tomando aí a direcção para o N'Gombe Amuquiama ou para Quibaxe Quiamubemba.

A base de etapes de toda a coluna passará a ser Sassa, conforme o foi em 1872.

Calculando-se que a colúna tenha deixado: no Muando, 60 homens e na patrulha até Quinguengues, 20 homens; na Delegação, 30 homens e na patrulha até Porto Mandele, 20 h.; doentes, 25; baixas, 25 e nas canôas, 20 h.; chegará ao Pango Aluquem aproximadamente na força de 250 homens que, com 350 que ali estão (1.º troço), afóra 100 que ficaram num forte no N'Gombe Amuquiama, prefaz seiscentos homens prontos para se dirigirem para E., pelo Caculo Congola, aos Mahungos, M'Bula Atumba e Quilombo, onde operará segundo as circunstancias, por isso que dessas terras e povos só existem as noticias vagas que, no devido lugar do meu Manual Militar dos Dembos, vão mencionadas.

Uma tactica que é de efeito contra o Cazuangongo, e que, se fôr precisa, póde ser depois facilmente empregada pelo forte do Muando, é uma tactica igual a do gentio, ou sejam os pequenos assaltos isolados, feitos de surpresa, por alguns soldados indigenas, contra outros grupos de gentio, que vão a passar com o fim de esperar os nossos.

Esta tactica, em que o «feitoço se volta contra o feiticeiro», já foi empregada por alguns soldados indigenas do forte de Maravila, conseguindo-se assim por muito tempo evitar os assaltos da gente do Cazuangongo que, até então, tantas vezes assassinou os nossos á queima-roupa, por de traz do capim, ao longo dos caminhos.

(Continúa.)

DAVID J. G. MAGNO.  
Capitão d'infantaria



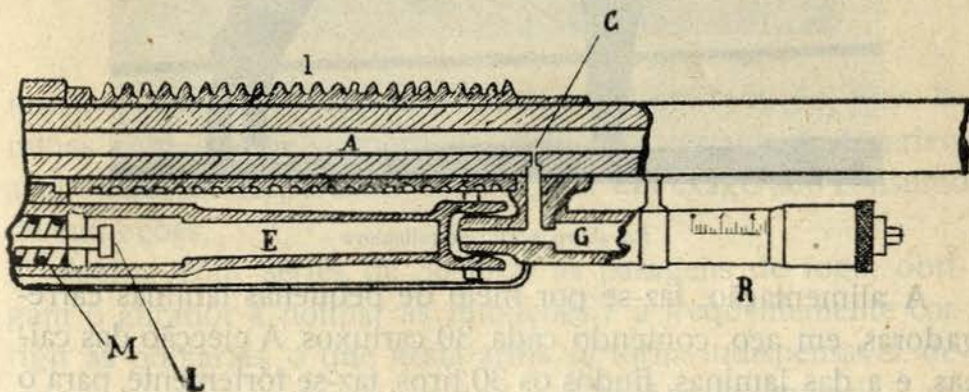
# Metralhadora Hotchkiss

(MODELO LIGEIRO)

Esta metralhadora, automática, não passa de uma espingarda metralhadora. E' por excelencia uma arma ligeira e portatil, bastante segura, reduzido pêsso e de facil montagem e desmontagem. Nesta arma desaparece o resfriamento por meio da agua, sendo este sistema substituido por um irradiador, que, envolvendo a camara e parte do cano consegue evitar, em parte, o aquecimento demasiado do cano, perdendo este o calor por irradiação. Este dispositivo tem a grande vantagem de conseguir mascarar melhor a arma, pois que o vapor da agua nas outras metralhadoras, que em geral se forma a 500 tiros seguidos, as denuncia bastante, nas suas posições.

Nas experiencias feitas, viu-se que esta arma comportando-se sempre bem, fez séries de 500 tiros, sem que o aquecimento do cano prejudicasse o seu funcionamento, ou a regularidade dos efeitos do tiro.

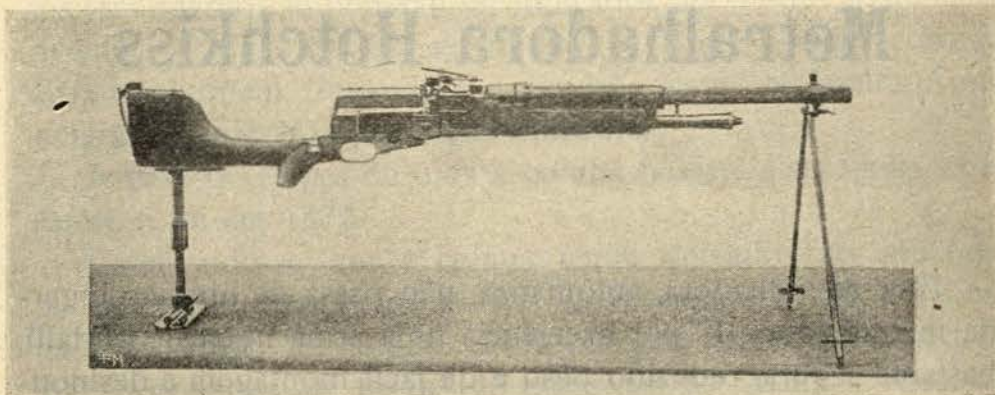
O automatismo, nesta arma, consegue-se de uma forma bastante engenhosa: parte dos gazes da polvora, saindo por um canal C aberto no cano A, impelem á retaguarda um embolo E, que, ligado á culatra movel pela alavanca de carregamento



Interior da arma

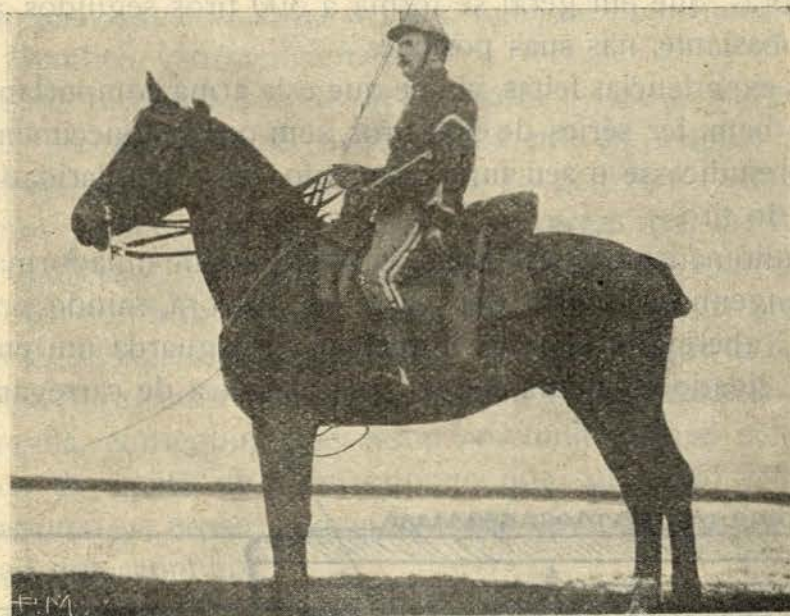


L, garante a ejección da caixa detonada e armamento do percursor; uma vez terminada a acção dos gases da polvora, cuja tensão, na caixa de expansão G, é regulada pelo regulador R, a



A metralhadora Hotchkiss

mola recuperadora M, fechando o cyclo de movimentos, garante o novo carregamento da arma, que se dispára á contínua pressão do gatilho, com uma velocidade exacta e regular de 600 tiros por minuto.

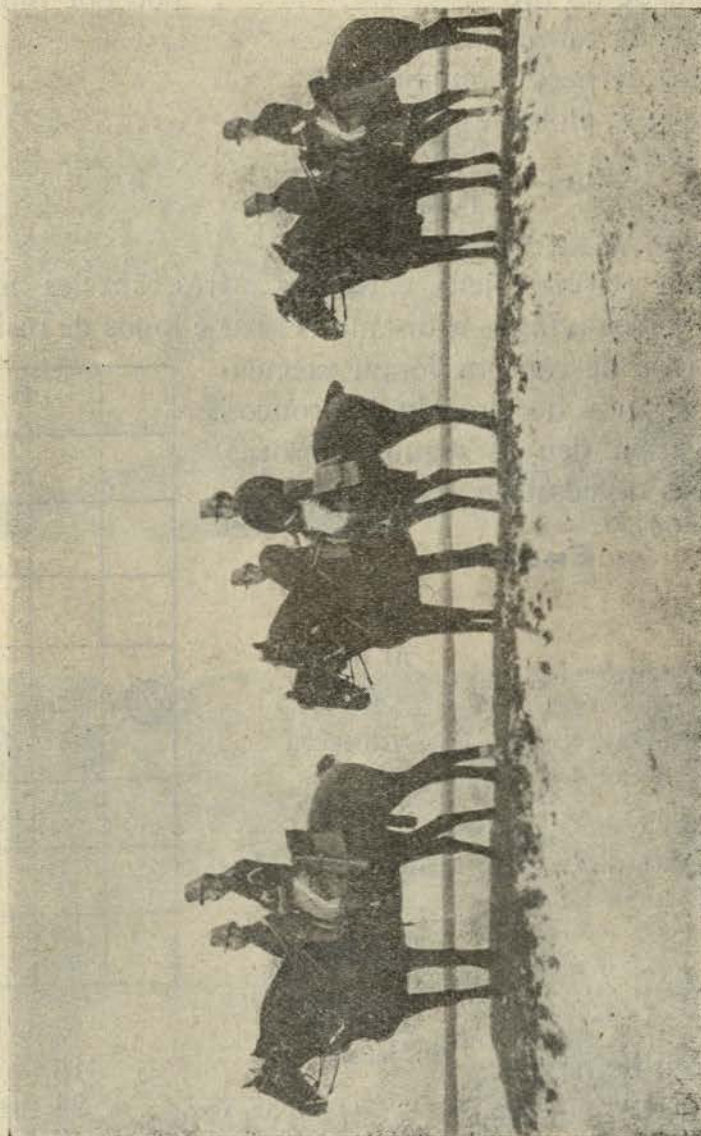


Cavaleiro porta metralhadora

A alimentação, faz-se por meio de pequenas laminas carregadoras, em aço, contendo cada, 30 cartuxos. A ejección das caixas, e a das laminas, findos os 30 tiros, faz-se fôrtemente, para o lado esquerdo da arma.



As laminas carregadoras, contém um numero de cartuchos bastante inferior aos das outras metralhadoras (em geral 250) mas, atendendo á sua enorme velocidade de tiro, 600 por mi-



Secção de metralhadoras (cavalaria) em marcha

muto, *á priori*, se conclue a vantagem desta redução, pois, laminas com grande numero de cartuchos, certamente levariam a um colossal desperdicio de tiros, e a um exagerado consumo de munições.

Assim, com séries de 30 tiros, as paragens de fogo, obrigam o atirador a poupar as munições e a frequentemente corrigir as pontarias, o que nesta arma se torna indispensavel, devido á especial conformação dos seus órgãos de pontaria.









No fogo



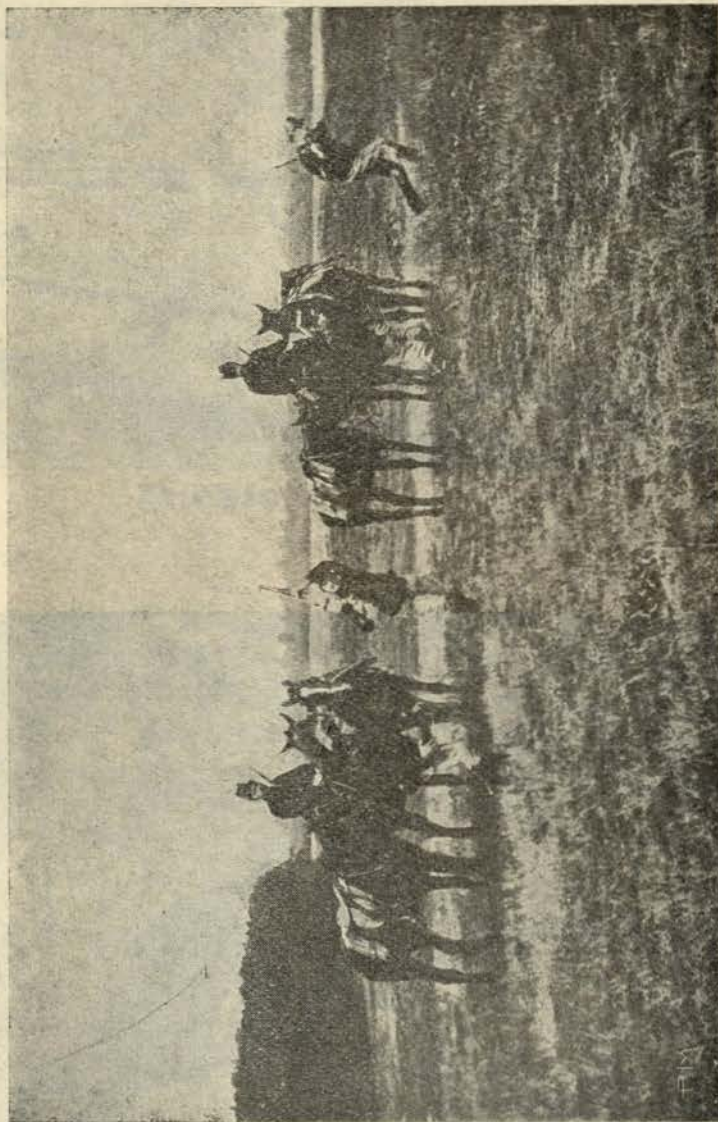
No fogo

Copyright 1900 by the  
War Department



*Dispersão vertical*

Numero de tiros . . . . .	30
Distancia. . . . .	25 metros
Alça . . . . .	0
Maximo V . . . . .	50mm.



Secção metendo em combate

Os fogos a distancias reais, e fogos de resistencia foram executados no campo de tiro de Mafra, com os seguintes resultados:

*1.ª Sessão*

Tiro a 600 metros.

Alça 600.



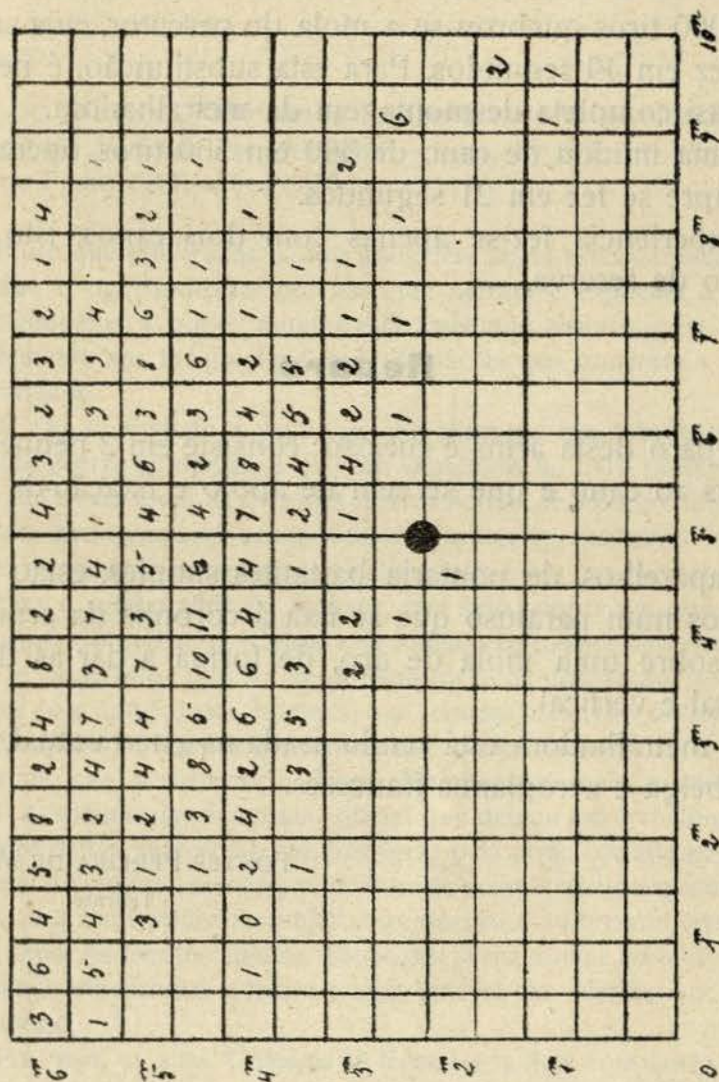
*Tiro fixo*

Posição: — deitado — a arma apoiada no tripé.

Numero de tiros 500.

Alvo: — bastidor forrado a branco de 10m×7m.

Impactes — 342.

*Grafico**2.<sup>a</sup> sessão*

Tiro a 600 metros.

Alça 600.

Alvo: — bastidor forrado a branco de 150m×1m,80.

Fogo ceifando.

Posição: — igual á da 1.<sup>a</sup> sessão.

Numero de tiros 500.

Impactes — 149.



### 3.<sup>a</sup> sessão

*Fogo de resistencia.* — A arma deu nesta sessão 5:000 tiros, funcionando bem. Houve 6 interrupções anormais, durante o fogo, devido ás munições.

A 2:000 tiros quebrou-se a mola do percutor, cuja substituição se fez em 49 segundos. Para esta substituição, é necessario uma quasi completa desmontagem da metralhadora.

A arma mudou de cano de 500 em 500 tiros, operação esta que sempre se fez em 21 segundos.

A experiencia fez-se apenas com dois canos, isto é, o da arma e o de reserva.

### Reparo

O reparo desta arma é curioso; consiste em 2 pequenas pernas, fixas ao cano e que servem de apoio e fixação da arma ao terreno.

Os aparelhos de pontaria bastantes simples, estão consubstanciados num parafuso que se fixa á coronha da arma, e que deslisa sobre uma mola de aço, de forma a dar as direcções horizontal e vertical.

Esta metralhadora está sendo usada na guerra atual, pela cavalaria belga e aeroplanos franceses.

FONTES PEREIRA DE MELLO

Tendente.



## Obras oferecidas

- 1 C. R. DU BOCAGE—**Crônicas internacionais.**—Publicadas no «*Diário de Notícias*» em 1906-1907.—1 vol. (0<sup>m</sup>,195×0<sup>m</sup>,125).—Lisboa, Livraria Ferin. 1914.—Preço \$70 cent.

Posto que publicadas ha uns anos, têm ainda estas Crônicas o maior interesse e oportunidade, por isso que narram e explicam a razão dos acontecimentos a que o mundo está assistindo absorto, quer se refiram directamente aos beligerantes, quer ás nações que tomaram a atitude de neutralidade.

E não se limitam á exposição dos assuntos, que tem ligação com a presente guerra europeia, os que são ventilados no livro presente, pois se pôde dizer que todas as questões internacionais de solução difficil, que interessam presentemente aos povos civilizados, se encontram nele igualmente narradas e comentadas. O autor, que é um antigo socio da nossa Empreza e colaborador da *Revista*, tem sido sempre um estudioso que, no cultivo das sciencias e letras e ás longas viagens nos países mais adiantados e poderosos, que se consideram fôcos da civilisação, junta o trato directo com muitos dos homens, que seguem a carreira diplomatica, reunindo assim poderosos elementos, que afinam os especiais dotes de espirito de que a natureza o dotou. Membro dos mais considerados da nossa Academia das Sciencias; official que deixou em trabalhos de notavel importancia marcada a sua passagem pela arma em que servia e pelos quadros activos do exercito, o sr. Bocagê possuía assim especiais dotes e qualidades para poder formular com especial e autorizado critério o seu juizo sobre os acontecimentos, que se iam preparando e ameaçavam a todo o instante desencadear a maior e mais terrivel das guerras, que a historia rememora.

Por isso, as suas *Crônicas* se lêem ainda hoje com tanto, ou maior interesse ainda, do que na época em que foram escritas. E hão de ainda constituir, de futuro, uma das mais interessantes fontes para quem quer que se proponha descrever a historia da presente guerra, mencionando as suas origens.

Recomendando o livro em questão aos nossos leitores, temos a consciencia de lhes indicar uma leitura, que lhes será simultaneamente util e agradável.



2 **La Guerra Europea**—*Barcelona, Calle de Aribau, 177.*—Em fascículos de 16 paginas, (0<sup>m</sup>,325×0<sup>m</sup>,22), a 50 cts.

A importante empresa barcelonêsa, que empreendeu a publicação desta interessante obra, não é hospede em tal genero de assuntos. Quando ocorreu a guerra de 1904, entre a Russia e o Japão, encetou ela a publicação de uma Revista abundantemente ilustrada e exclusivamente destinada á narrativa dos factos diplomaticos e belicos, que se iam sucessivamente produzindo, intitulada *La guerra ruso-japonesa*, que mereceu acolhimento tão lisongeiro, que da obra se fizeram varias edições.

Em vista de tal incitamento, quando estalou a guerra de 1912, a mesma empresa publicou logo outra Revista, intitulada *La Guerra de Oriente*, dedicada á narrativa da campanha entre os Estados Balkanicos e a Turquia, que mereceu um acolhimento, ainda superior ao da publicação anterior.

Animada por tais factos, a empresa publica agora *La Guerra Europea*, da qual temos presentes os fascículos n.ºs 1 a 4, contendo numerosas e nitidas gravuras, e dois mapas do teatro da guerra, afóra outros intercalados no texto.

É este sumamente interessante. Consta de duas partes: Crónica internacional e Crónica militar, ambas formadas por artigos especiais, devidos a autorisados escritores, nos quais se ventilam e expõem os assuntos, que se acham directamente relacionados com a guerra presente ou constituem episodios importantes dela.

Logo no preambulo da nova Revista, os editores previnem os leitores de que não encontrarão nas suas paginas as noticias sensacionais, que o telegrafo transmite num dia, para desmentir logo no immediato. Procurará ela informar e descrever com a maior exactidão sómente os factos averiguados, dispondo, para esse fim, de correspondentes especiais nos diferentes teatros da guerra. E será assim que os acontecimentos serão levados ao conhecimento dos leitores, estudados sempre sob os pontos de vista *militar, politico, financeiro e internacional*.

Aguardamos a recepção dos numeros immediatos aos 4 primeiros agora recebidos, para narrar o modo como tal compromisso continuará a ser satisfeito.

3 **Actas do Conselho do Governo.**—*Discussão do Orçamento para 1914-1915.*—1 vol. (0<sup>m</sup>,195×0,16). de CCXXVI pag.

Trata este volume da discussão do orçamento da provincia de Moçambique pelo respectivo Conselho do Governo, da presidencia do sr. General Joaquim José Machado, que é o Governador Geral. Nas actas são minuciosamente expostas as opiniões manifestadas pelos diferentes vogais, e basta esta circumstancia para que a obra mereça a atenção dos coloniais e bem assim dos que, não o sendo, dedicam a sua atenção a todos os assuntos, que interessem á prosperiedade da nação. Acusando a recepção da obra, agradecemos a sua oferta.



# CRÓNICA MILITAR

## Argentina

**Toza de animais.** — As resoluções do Ministerio da Guerra, publicadas no *Boletim Militar*, no dia 13 de maio findo, encerram considerações interessantes e criteriosas sobre a toza dos animais.

É, assim que com quatro considerandos de grande simplicidade, resolve o ministro que os animais não sejam completamente tozados, o que nos parece muito razoavel.

Considerando: 1.º, que a crina permite uma melhor conservação dos animais, porque protege o pescoço de imundicies e insectos, além de ser um ponto de apoio quando o cavallo nada, ou sobe fortes rampas; 2.º, que o topete protege o cerebro dos raios solares, permite a defêsa da testa e dos olhos contra os insectos e amortece as pancadas da cabeça contra os tétos dos wagons ou boxes; 3.º, que a cauda sendo uma poderosa defêsa contra os insectos, convém mantel-a de um comprimento regular, especialmente no verão, outono e primavera; 4.º, finalmente, que convém para conservação dos animais, deixar de lado algumas exigencias secundarias de uniformidade e estética;

Resolve: De hoje em diante que os animais de exercito serão tozados nos primeiros dias do mês de maio, sendo as crinas até metade da taboa do pescoço, o topete até a altura dos lacrimais e a cauda até os curvilhões, deixando-se crescer durante o resto do ano.

As crinas deverão cair sobre o lado esquerdo.

Os cavalos em que montam os officiais, nas revistas ou paradas, deverão ser tozados analogamente aos da fileira.

**Officiais de reserva.** — O governo publicou uma ordem que determina a instrução que devem receber os officiais da escola de reserva.

Segundo esta ordem, são estabelecidas em todos os regimentos de infantaria, cavalaria, artilharia e batalhões de engenharia, escolas para officiais da reserva cuja frequencia será completamente voluntaria.

As escolas funcionarão uma hora por dia, excepto nos casos de exercicios práticos ou jogos de guerra em que podem prolongar-se até 3 horas consecutivas.

A direcção de cada escola será confiada a maiores que serão substituidos no fim de 6 meses.

Os officiais de reserva que desejarem frequentar as citadas escolas, solicitarão licença directamente aos comandantes das regiões militares, e o numero de alunos de cada escola não deverá exceder 30, seleccionando os solicitantes segundo as circunstancias de serviço.



As materias que deverão ser estudadas são : Regulamento da arma respectiva, regulamento de serviço em campanha e regulamento do serviço interno, procurando alternar tanto quanto possível, as dissertações teóricas com aplicações práticas, efectuando-se o jogo de guerra e a resolução de tópicos simples com tropas.

## Bulgaria

**Passagem dos oficiais de reserva ao exercito activo.** — Segundo o *Wojeni Iswestige*, por uma ordem do gabinete, com data de 25 de março ultimo, foi resolvida a passagem ao exercito activo de um grande numero de officiaes de reserva. O numero destes ultimos que passaram até agora ao exercito activo na qualidade de sargentos, é de 97, com a seguinte distribuição por armas : infantaria 65 ; artilharia de campanha 11 ; artilharia de montanha 9 ; batalhões de caminhos de ferro 5 ; batalhões de telefonistas 2 ; sapadores 4.

## China

**Manobras na Mongolia.** — As proximas manobras do exercito chinês, realizam-se no mês de outubro na região de Helgan, proximo da fronteira mongolica. Tomarão parte tropas de Pekin, da provincia de Chila e as divisões 27 e 28 de Mukden.

Não obstante os exercicios militares que se hão de levar a cabo, o verdadeiro objecto das manobras é a finalidade politica.

**Instrução militar.** — Na academia militar de Pao-Ting-Fu, existem na actualidade, 1:200 cadetes. Com este numero se constituirão 12 companhias, correspondendo 6 á infantaria, 2 á artilharia, 2 á cavalaria, uma á engenharia e uma ao corpo de trem.

Os alúnos interrompem em duas ocasiões os seus estudos para praticar nos corpos.

## Dinamarca

**Organização da cavalaria.** — Compõe-se a cavalaria de 4 regimentos : 2 activos a 4 esquadrões cada um e 2 de reserva, e uma secção de metralhadoras afecta a cada regimento.

O contingente anual de recrutas para os regimentos activos é de 135 homens e de 252 para o de reserva ; sendo o efectivo de cavalos de 620.

O armamento consiste em um modelo muito antiquado da carabina (1867-1896), sabre modelo de 1894 e metralhadora de 1903, que dispára o mesmo cartucho que a infantaria e se transporta a cavallo.

Esta metralhadora póde disparar 150 a 200 cartuchos por minuto, e tem um alcance eficaz de 1:000 a 1:200<sup>m</sup>, calculando-se que o seu poder de fogo equivale á de 6 espingardas.

Cada esquadrão leva affecto 4 sapadores e dispõe de um trem de ferramentas constituidas por 65 pás, 12 tesouras corta-aramé, 2 sacos e 2 machados. Além disso, 10 homens do esquadrão vão munidos de cartuchos explosivos.

Cada cavallo transporta 800 cartuchos, elevando-se a dotação das metralhadoras a 1:600 tiros por cada uma.



**Organização de um regimento de engenharia.** — Em 1 de janeiro do corrente ano, foi organizado um regimento compreendendo três batalhões assim compostos.

1.º batalhão — 1.ª e 2.ª companhias (de fortaleza); 3.ª companhia (de campanha) e 12.ª companhia (de reserva);

2.º batalhão — 4.ª e 5.ª companhias (de fortaleza); 6.ª e 7.ª companhias (de campanha) e 11.ª companhia (de reserva);

3.º batalhão — 8.ª, 9.ª e 10.ª companhias (de telegrafistas).

Estes três batalhões contam, reunidos, 12 companhias a saber: 4 companhias de fortaleza, três de campanha, duas de reserva e três de telegrafistas.

A instrução dos pioneiros, que garantem também o serviço de caminhos de ferro, faz-se todos os anos, alternadamente no 1.º e no 2.º batalhão. Quanto á instrução dos telegrafistas, far-se ha alternadamente nas três companhias.

## Egito

**Composição do exercito.** — As forças inglêsas que guarnecem o Egito, em especial o Sudão e Cairo, constam de 5 batalhões, um regimento de cavalaria, duas baterias e uma companhia de engenharia. Além destas, existe um exercito propriamente egicio, que melhor presta os serviços de verdadeira policia. Este ultimo compõe-se de 848 officiaes e 17:054 soldados indigenas.

## Espanha

**Cursos de tiro.** — Por uma circular do Ministerio da Guerra, se dispõe que o crédito de 105:000 pesetas, que para cursos de tiro e escola prática figuram no plano de trabalhos em vigor do material de artilharia, seja distribuído por forma que eles prosigam entre a Escola central de tiro, as 8 regiões militares e as tropas das Baleares e Canarias, as que os distribuem nos regimentos pertencentes a cada uma delas.

Sob este conceito, correspondem, 46 mil pesetas á Escola de tiro, 37 mil para as 8 regiões militares, 12:500 para as tropas das Baleares e Canarias e 9:500 para imprevistos e premios.

Ao mesmo tempo se indica a munição seguinte para as escolas práticas:

Para peças de 30 <sup>cm</sup> ,5 . . . . .	2 tiros por peça
» » 26 a 25 <sup>cm</sup> . . . . .	3 » » »
» as outras peças de costa . . . . .	15 » » »
» peças de sitio e praça. . . . .	25 » » »
» obuzes de 30, 24 e 21 <sup>cm</sup> . . . . .	10 » » »
» » » 15 <sup>cm</sup> . . . . .	25 » » »
» peças de montanha e campanha . . . . .	256 » » bateria.

## Estados-Unidos

**Projectil de instrução.** — Foi adótado, por algumas unidades que não dispõem de grandes campos de tiro, um projectil de instrução.

Este projectil, destinado a dar ás tropas idéa de como são os fogos na guerra e o modo de funcionar as bôcas de fogo no tiro rial, está já adótado nas fabricas de material de artilharia de algumas nações com o nome de *projectil ficticio*, com o fim de executar experiencias balisticas de resistencia e



funcionamento do material em polígonos de pequenas dimensões existentes em sítios próximos ás oficinas de construção.

O corpo do projectil é de cartão forte com fundo de madeira e está cheio de limagem de ferro.

Ao efectuar-se o disparo, o projectil funciona, não chegando a ter o alcance de 100 metros.

**Aviação.** — O sucesso pessoal de aviação na sua actual organização, depende do corpo de sinaleiros do Ministerio da Guerra, do qual é chefe o general Scriben e donde imanam as ordens para os comandantes dos grupos de aviadores instalados em diferentes pontos e na Escola de San Djeo da California.

Actualmente, existem 18 officiaes affectos á aeronautica e 60 soldados, os quaes cooperam com os seus trabalhos, mas sem participar estes nos vôos.

As estações existentes são : Escola de aviação de San Diego, com 8 officiaes e 10 aeroplanos.

Posto de aviação de Texas-City, com um official aviador e 2 aeroplanos.

» » » » Fert-Levenwerth, com um official aviador e um aeroplano.

» » » » Manila com nm official aviador e 2 aeroplanos.

» » » » Honolulu, com 2 officiaes aviadores e 1 aeroplano.

Os postos de Washington e de Atlante foram suprimidos.

Todos os aparelhos são biplanos e dos 16 que estão em serviço, são 12 do tipo Wright e 4 do tipo Curtiss. Um dos tipos Wright está disposto para manter sobre a agua.

Os officiaes aviadores recebem uma indemnisação de 15 % do soldo.

Como as promoções no exercito americano são unicamente por antiguidade, e não existem condecorações, os aviadores só esperam como recompensa, uma medalha que acompanha o diploma que recebem.

O governo não dispõe de dirigiveis.

## França

**Aviação em Africa.** — Uma das viagens mais notaveis das efectuadas em Africa pelos aviadores do exercito francês, foi o vôo Túnez-Ushda. A viagem verificou-se em 5 etapas de 280, 270, 220, 240 e 220 quilometros, respectivamente.

No total existem em Africa 5 aeroplanos, 3 officiaes, 2 sargentos e 5 mecânicos.

## Grecia

**Nova organização do exercito.** — Pela nova organização o exercito terá em pé de guerra o efectivo de 500:000 homens. Antes das guerras balticas constava de 4 divisões, durante as mesmas criáram-se mais seis e depois delas terminadas outras duas, de modo que no total, existem 12 divisões, que se grupam em 6 corpos de exercito, com séde, por ordem de numeração, em Larissa, Athenas, Janina e Salonica, o 5.º ainda sem localidade determinada e o 6.º em Lazani.



Na cavalaria organizaram-se três novos regimentos. Cada grupo de artilharia compõe-se de 3 baterias, cuja força e dotação de munições foi fixada.

Organizaram-se 6 grupos de artilharia de montanha, três batalhões de sapadores, um de pontoneiros, um de aerostação e um de telegrafistas.

## **Inglaterra**

**Exercito australiano.** — No ano de 1912-1913, o primeiro em que o recrutamento e instrução foram feitas com boas condições, obtiveram-se excelentes resultados, assim como na preparação para a mobilização, tendo-se, além disso, realizado numerosas viagens do Estado Maior.

Para a cavalaria e artilharia de campanha, é fixado o periodo de instrução de 25 dias, e de 17 para as demais armas, e nos três distritos realizaram-se exercicios de baterias em ligação com as demais armas.

Os efectivos reais e os do orçamento (indicados entre parentesis), são os seguintes :

Infantaria, 52 regimentos (94).

Cavalaria ligeira, 23 regimentos (31).

Artilharia de campanha, 21 baterias (50).

As tropas permanentes somam :

242 officiais (281) e 2:245 praças (2:646).

As milicias, 1:833 officiais (2:195) e 31:181 praças (41:929).

Na infantaria faltam 6.943 e na cavalaria 2:466.

**Cozinhas rodadas.** — O modelo de cozinhas rodadas (Travelling Kitchen Mark I), experimentadas nas ultimas manobras do exercito inglês, acabam de ser definitivamente adótadas, após ligeiras modificações.

O tipo primitivo compunha-se de :

1.º — Um jogo dianteiro com 4 compartimentos, forrado exteriormente de amianto para manter a temperatura elevada dos alimentos, até ao seu consumo, e na sua parte posterior 4 caixas destinadas a transportar um pequeno aprovisionamento de artigos condimentarios (assucar, sal, chá, etc.).

2.º — De um jogo trazeiro contendo 5 recipientes, onde se cozinha por meio de fogo central.

O modelo definitivo (Mark II) distingue-se do Mark I, pelo seguinte :

a) Os recipientes são de metal mais resistente ;

b) Aumentaram-se 4 certãs para frigir, dispostas no jogo dianteiro, 2 de cada lado ;

c) O jogo trazeiro é dotado de um freio na parte posterior das rodas, que se maneja pela parte de traz ;

d) Foram acrescentadas duas placas delgadas d'aço, envolvendo o fôrro de amianto no jogo dianteiro ;

e) Foram colocados dois cofres no jogo dianteiro, para transportar os pequenos objectos ;

f) Foi aumentada a espessura do envolucro de amianto que contorna a caixa de comestivel para impedir a sua combustão.

O pêsô do carro completo é de cêrca de 920 kg. e de 1:260 kg. carregado. Permite preparar os alimentos para 250 homens.



## Italia

**Curso de construções aeronauticas.** — O Instituto central de aeronautica, em Roma, organizou cursos de construções aeronauticas, destinados a dar uma instrução especial scientifica e técnica, sobre a construção e o emprego dos aparelhos, bem como dos motores.

Podem ser admitidos nestes concursos ;

- 1.º, os officiaes do exercito activo, ou demissionarios, que tiverem cursado a escola de applicação de artilharia e engenharia ;
- 2.º, os officiaes activos de marinha e demissionarios ;
- 3.º, os officiaes que possuam o diploma de piloto de dirigiveis ;
- 4.º, os engenheiros civis, industriais, mecânicos e electro-tecnicos navais ;
- 5.º, os laureados em sciencias fisicas e matematicas ;
- 6.º, aqueles que, embora não pertençam ás categorias citadas, estejam, pelos seus titulos e instrução, aptos a seguir o curso.

**Concurso para seleção de aeroplanos.** — Realizou-se um concurso para seleção de aeroplanos construidos neste país. Dos 16 aparelhos apresentados, foram escolhidos 4 para as provas finais.

Essas provas foram dos monoplanos Bobba, com motores Gnomo de 160 e 80 cavalos ; um monoplano S. T. A., motor Gnomo de 80 cavalos e um monoplano S. A. M. L., motor Acto, de 70 cavalos.

O primeiro premio foi concedido ao Bobba, de 80 cavalos e o segundo ao S. A. M. L.

**O serviço radiotelegrafico na guerra.** — O «Boletim Oficial» de 9 de março, publica as novas instruções sobre o funcionamento do serviço radiotelegrafico em uso no exercito.

As estações radiotelegraficas de campanha, distribuem-se em redes, cada uma das quais compreende as estações que se encontram de modo permanente ou temporario, dependendo da mesma autoridade (comandante do corpo de exercito, ou do exercito, ou eventualmente do grupo de divisões ou da cavalaria) :

As varias redes são independentes entre si e cada uma funciona com um determinado comprimento de onda, de maneira a não perturbar a correspondencia das outras. Em cada rede ha uma estação designada como principal, as outras são dependentes desta e não podem transmitir, nem entre si, nem com a principal, se não estiverem autorizadas por esta.

As redes radiotelegraficas tem por objecto completar as comunicações telegraficas ordinarias, substituir eventualmente algumas das tais comunicações e estabelecer ligações do exercito com a armada.

Deduz-se que, as novas instruções prescrevem que as comunicações radiotelegraficas devem ser estabelecidos principalmente entre o comando e as grandes unidades, as quais pela grande distancia, ou por circunstancias especiais não podem usar o telegrafo com fios ; eventualmente pelas praças fortes e com o interior do país ; excepcionalmente com a unidade dependente, quando esteja interrompida a linha telegrafica.



## Japão

**Aviação.** — O governo japonês, diante da atenção que a Rússia tem ultimamente prestado aos problemas de aviação, tem sido forçado a desenvolver este serviço.

Como medida preliminar, foi criado um aerodromo em Tokorasawra, que fica a duas horas de Tokio.

Foram também adquiridas 15 máquinas no estrangeiro, dentre as quais se destacam monoplanos austriacos, biplanos alemães e americanos, e aparelhos franceses dos tipos Bleriot, Nieuport e Farman.

Para estimular o gosto pela aviação, o governo resolveu conceder uma pensão á familia dos aviadores, como compensação a qualquer classe de accidentes que possam sofrer os seus chefes em actos de serviço.

**Canhão contra aeroplanos e dirigiveis.** — O exercito japonês, após estudos e experiencias, está presentemente construindo um canhão contra artefactos aereos, capaz de fazer fogo com um angulo de elevação de 62 graus e um campo horisontal de 180.

O alcance desse canhão será de 5:000<sup>m</sup> e o carro de transporte será puchado por 4 cavalos.

**Efectivos do exercito.** — Atualmente póde o Japão mobilisar, em caso de guerra, um exercito de 900:000 a 1.500:000 homens, sem recorrer ao exercito territorial.

O numero de unidades existentes é o seguinte :

Infantaria . . . . .	77 regimentos—228 batalhões
Cavalaria . . . . .	27 » — 89 esquadrões
Artilharia de campanha . . . . .	25 » — 150 baterias
» » montanha . . . . .	6 » — 30 »
Engenharia . . . . .	19 batalhões — 57 companhias
Companhia de trem . . . . .	19 » — 38 »

**Manobras de 1913.** — Nas manobras do ano de 1913, que tiveram logar em Aichi-Préfectur, tomaram parte as tropas das divisões 3.<sup>a</sup> (Nogoya), 9.<sup>a</sup> (Kanazava), 15.<sup>a</sup> (Tóyobashy) e 16.<sup>a</sup> (Kioto); uma brigada de artilharia pesada e forças de cavalaria, assistindo a elas grande numero de officiaes estrangeiros.

Sob a direcção do imperador e do chefe do estado-maior, barão de Hasagawa, constituíram-se dois exercitos; o de éste sob o comando do principe Kausin, e o de oeste sob as ordens do general barão de Cawamura.

O general Hasagawa inspecionou detidamente a localidade das manobras até o dia 3 de outubro, dia em que elas começaram.

## Uruguay

**Missão militar francesa.** — Em abril de 1913, o presidente do Uruguay apresentou um projecto de lei pedindo autorização para celebrar um contracto com o governo francês referente a ser mandada uma missão militar para dirigir os estudos das escolas militares e navais do Uruguay.



Esta autorização acaba de ser concedida pela comissão do Congresso da dita Republica.

A missão compôr-se ha de um comandante de batalhão, e um tenente de infantaria, um capitão de artilharia, um capitão de engenharia e um oficial de marinha.

## II

# PARTE MARITIMA

### Alemanha

Para o serviço de exploração e reconhecimentos, possuirá a Alemanha em 1914, 16 pequenos cruzadores, podendo atingir mais de 26 milhas e 13 com a velocidade entre 24 e 26 milhas.

Preocupa muito o meio naval alemão, o fraco armamento destes cruzadores, dispondo de 10, ou, quando muito, de 12 peças de 105<sup>mm</sup> de 40 calibres, lançando um projétil de 16 quilos; pelo contrário um enorme raio d'ação de 8:000 a 10:000 milhas á velocidade economica. Tudo parece indicar que estes cruzadores são destinados a destruir os navios mercantes inimigos.

A Inglaterra, replicando a esta concêção, arma um grande numero de paquetes e de vapores de carga, especialmente destinados a aprovisionarem a Grã-Bretanha das linhas da Australia e da America, com peças de 127<sup>mm</sup> e, por consequencia de potencia superior ás de 105<sup>mm</sup> dos cruzadores alemães.

Dois dos contra-torpedeiros *Mendoza* e *Rioja*, estão em experiencias, os outros dois, *San Juan* e *Salta*, tambem o estarão brevemente, depois de retomarem os ensaios, que as avarias nos condensadores, sustiveram.

O deslocamento destes navios é de 950 a 1:180 toneladas e são armados com 4 peças de 102<sup>mm</sup> e 4 tubos de torpedos de 533<sup>mm</sup>.

A casa Withehead entregou 13 torpedos de 533<sup>mm</sup> dos 110 deste calibre que lhe foram encomendados pelo Governo Argentino.

### Brazil

Um novo couraçado de 30:000 toneladas de deslocamento, armado com 8 a 10 peças de 380<sup>mm</sup>, está sendo estudado pela casa Armstrong, e deve substituir o *Rio de Janeiro*, que foi vendido á Turquia.

### Estados-Unidos

Esta nação projecta construir um submersivel de grandes dimensões, destinado a acompanhar as esquadras, devendo atingir a velocidade de 14 milhas submerso e de 20 milhas á superficie.

Terá um armamento como o dos contra-torpedeiros, constituido por 4 pe-



ças de 102<sup>mm</sup> ou mesmo de 120<sup>mm</sup>, não em reparos de elipse, mas em verdadeiros postos de peças, constituídos por casas-estanques, com portas que se abrem rapida e facilmente para a pontaria.

O couraçado *Pensylvania* de 31:000 toneladas de deslocamento, tem 191 metros de comprimento e o seu armamento compõe-se de 12 peças de 356<sup>mm</sup> em 4 torres de 3 peças e 22 de 120<sup>mm</sup>. O couraçamento de cintura atinge 457<sup>mm</sup> e tem igual proteção nas torres triplices.

## Grecia

Vai ser construido em St. Nazaire (França), um couraçado de 23:450 toneladas de deslocamento, semelhante ao francês *Lorraine*, o qual deve estar concluido no prazo de 27 mēses. Vai tambem ser construido um outro que se chamará *Constantine*, e que é pago por uma subscrição nacional que atingiu a importancia de 1.200:000 libras.

## Holanda

Este país encomendou á casa Vulcan, de Stettin, quatro torpedeiros de 350 toneladas, com 200 pés de comprimento, 20 1/2 de bôca e 5<sup>p</sup>, 1<sup>pol</sup>. de calado, tendo a força de 5:600 cavalos e a velocidade de 27 milhas e por armamento 2 peças de 3 polegadas e 3 tubos para lançamento de torpedos.

## Inglaterra

As perdas no mar do Norte do cruzador «*Pattfinder*» e paquete «*Runo*». — Devido ás minas alemãs, perdeu-se este cruzador, bem como o paquete *Runo*, ambos no mar do Norte. Estando tambem oficialmente confirmada a perda de 15 embarcações de pesca, cujas tripulações ficaram prisioneiras dos alemães.

O cruzador era comandado pelo captain Francis Martin Leake, e tendo chocado numa mina pelas 4<sup>h</sup>,30<sup>m</sup> (p. m.) a cêrca de 20 milhas de East Cost, afundou-se em seguida. O *Pattfinder*, era um cruzador ligeiro de 2:940 toneladas e 25 milhas, e armado com 9 peças de 4 polegadas.

Tinha sido construido em 1904.

Por telegramas recebidos de Edinburgh, sabe-se que noventa dos tripulantes do *Pattfinder* foram salvos pelos destroyers e transportados para Rosyth e outros hospitais de Firth of Forth. O comandante captain Leake, foi um dos salvos. Esta horrivel catástrofe custou a vida a cêrca de 200 tripulantes do cruzador, entre eles alguns officiais.

O paquete *Runo* bateu noutra mina quasi á mesma hora e á distancia de 25 milhas de East Coast. Este vapor deslocava 1:650 toneladas e tinha 12 milhas de velocidade. Com excção de 20 emigrantes russos, toda a tripulação e o resto dos passageiros se salvou.



## Italia

Os novos couraçados armados com peças de 38<sup>mm</sup> terão os seguintes nomes: *Chrisloforo Colombo*, *Marco Antonio*, *Colouna*, *Carraciolo* e *Francesco Marosini*.

Os dois primeiros estão já nos estaleiros e deverão concluir-se em 36 meses.

O comprimento é de 211<sup>m</sup>,30, o deslocamento no calado de agua normal é de 26:000 toneladas, a velocidade é de 25 milhas.

Além da artilharia principal composta de 8 peças de 380<sup>mm</sup> em 4 torres axiais duplices, possuem uma bateria secundaria de 16 peças de 150<sup>mm</sup> em casa-matas, de que 8 podem atirar em caça, em retirada e pelo través.

O couraçamento tem as espessuras seguintes: na cintura 340<sup>mm</sup> e 251<sup>mm</sup> e 190<sup>mm</sup> nas faxas superiores do couraçamento dos flancos.

A bateria de 156<sup>mm</sup> é couraçada com uma grossura de couraçamento de 156<sup>mm</sup>, igual ao calibre das peças que protegem.

Existem dois blockhaus, um avante da chaminé de vante e outro a ré da chaminé de ré, com couraçamento de 340<sup>mm</sup>.

O tipo é muito analogo ao couraçado inglês *Queen Elisabeth*.

Os 3 cruzadores em construção, terão os nomes: *Carlo Mirabeth*, *Carlo Albert Rochia* e *Augusta Riboty*, terão o deslocamento de 5:000 toneladas e serão armados cada um de dez canhões de 150<sup>mm</sup> do novo modelo de 50 calibres.

O contra-torpedeiro *Audace*, construido pela Casa Orlando de Livorno, tem 690 toneladas de deslocamento e 72<sup>m</sup>,85 de comprimento, devendo dar 30 milhas com 15:000 cavalos de força, 35,5 com 20:000 durante 3 horas. Parece que se obteve 36 milhas.

Estes navios são armados com uma peça de 127<sup>mm</sup> e 4 de 76<sup>mm</sup> e 2 tubos lança-torpedos.

## Russia

A esquadra do mar Negro, que vai ser aumentada com 3 dreadnoughts do tipo *Ikaterina 2.º*, de 22:500 toneladas e 21 milhas e 12 peças de 305<sup>mm</sup> vai aumentar daqui a 3 anos com as unidades seguintes para a construção das quais a comissão do orçamento da Duma votou um crédito de 60.000:000\$; três novos super-dreadnoughts de 27:000 toneladas; 2 cruzadores de 7:500 toneladas; 8 contra-torpedeiros e 6 submarinos.

Estes navios que serão construidos em Vikalaiew, sob a direcção da Casa Vickers, deverão estar concluidos na primavera de 1917.



## Suecia

O programa naval que foi apresentado ao Reichstag, é o seguinte :

Serão postos nos estaleiros :

De 1914 a 1919—Três couraçados guarda-costas e 2 grandes torpedeiros;

De 1920 a 1924—Dois couraçados guarda-costas e 4 grandes torpedeiros;

De 1925 a 1929—Um couraçado guarda-costas, 8 grandes torpedeiros e 1 lança-minas;

De 1930 a 1934—Um couraçado guarda-costas e 4 grandes torpedeiros.

Os couraçados serão do tipo *Sverige*, de 680 toneladas, 22,5 milhas, 4 peças de 280<sup>mm</sup> e 8 de 150<sup>mm</sup>, ligeiramente modificadas. Os grandes torpedeiros serão do tipo *Hugin*, de 460 toneladas, 30,5 milhas, 2 peças de 75<sup>mm</sup> e 4 de 70<sup>mm</sup>.

O programa compreende tambem para a defêsa das costas, alguns submarinos e seis aeroplanos.



## BIBLIOGRAFIA

## I — LIVROS

**Alemanha**

- 1 *Geschützexercier, Munitionersatz, Fernoprechrückkreis*. Mittler und Sohn, 1913. Berlin.
- 2 MAYER, general. *Zur Neuentwicklung der Artillerie*. Eisenschmidt, Berlin, 400 réis

**França**

- 1 *Décret du 25 août 1913 portant règlement sur le service intérieur des corps de troupe d'artillerie*. In-16 oblong, 305 p. 1913. Berger-Levrault. Paris.  
Ministère de la guerre.
- 2 *Décret du 25 août 1913 portant règlement sur le service intérieur des corps de troupe de cavalerie*. In-16 oblong, 290 p. 1913. Berger-Levrault. Paris.  
Ministère de la guerre.
- 3 DEPORT (lieutenant-colonel) *Matériel d'artillerie de campagne à grands champs de tir (système Deport)*. In-8, 34 p. 1913. Berger-Levrault. Paris.  
Extrait de la «Revue d'artillerie» juin 1911.
- 4 *Livre (1e) du gradé d'artillerie à l'usage des élèves brigadiers, brigadiers et sous-officiers d'artillerie de campagne, contenant toutes les matières nécessaires à l'exercice de leurs fonctions et conforme à tous les règlements parus jusqu'à ce jour*. Edition pour 1913-1914. In-16 oblong, 930 p. avec fig. et 1 planche en couleurs. 1914. Berger-Levrault et Cie Paris.
- 5 *Livre (1e) du gradé d'infanterie, à l'usage des élèves caporaux, caporaux et sous-officiers de l'infanterie et du génie contenant toute les matières nécessaires à l'exercice de leurs fonctions et conforme à tous les règlements parus jusqu'à ce jour*. Édition complètement remaniée et mise à jour (Octobre 1913) Année d'instruction 1913-1914. In-16, XLVIII — 980 p. avec fig.; carte et grav. en coul. 1914. Berger-Levrault. Paris.
- 6 PELOUX (capitaine H.) capitaine d'artillerie. *Modifications au Règlement de manœuvre de l'artillerie de campagne allemande*. 1913. In 8, 18 p. Berger-Levrault. Paris.  
Extrait de la «Revue d'artillerie». Août 1913.
- 7 PESSEAUD (capitaine d'artillerie J.) *Revolver automatique Webley-Fosbery*. Avec 1 planche hors texte. In 8, 8 p. 1913. Berger-Levrault. Paris.  
Extrait de la «Revue d'artillerie» septembre 1913.



- 8 BOUCHER (colonel A.) *La France Victorieuse dans la guerre de demain. L'Allemagne en péril. Etude stratégique. Avec 6 croquis.* In-8, ix-197 p. Berger-Levrault. Paris. 1914. Fr. 2,50
- 9 *Commission mixte des haras et des remontes.* Session de 1913. Procès-verbaux des séances des 17 mars et 26 juin 1913. In-8, 104 p. (9 janvier 1914). Impr. nationale. Paris. 1913.  
Ministère de l'Agriculture
- 10 FARINET (commandant) — *L'Agonie d'une armée (Metz 1870) Journal d'un porte-étendard de l'armée du Rhin.* Publié sous la direction de Charles Robert — Dumas avec des notes historiques et des croquis par Pierre Davaud, professeur de l'Université. In-8, xvi-392 p. libr. Boivin et C.<sup>ie</sup> Paris.
- 11 HERLAUT (capitaine du 138<sup>e</sup> d'infanterie) — *La Garde nationale, son histoire, ses uniformes (1789-1871).* In-16, 35 p. G. Yitry. Paris.  
Enseignement par les projections lumineuses. Notice rédigée sous le patronage de la Commission des vues instituée près du Musée de l'Enseignement public.
- 12 *Régime du champ de tir de la Petite-Malpierre.* Avec un plan et une carte. 1913. In-16 oblong, 8 p. Berger-Levrault. Paris.
- 13 *Règlement provisoire de manœuvre de l'artillerie de campagne, approuvé par le ministre de la guerre, le 8 septembre 1910, mis à jour d'après la feuille rectificative n.º 1, du juillet 1913. Tit. 3 : Instruction à cheval.* In-16 oblong, 146 p. avec figures. Berger-Levrault. Paris.  
Ministère de la guerre.
- 14 Idem : *Tit. 4 : Instruction d'artillerie.*
- 15 Idem. *Tit. 5, l'Artillerie dans le combat. Tit. 6. Instruction des batteries attelées ; tit. 7. Service de l'artillerie en campagne.* In-16 oblong, 153 p. avec fig. Berger-Levrault. Paris.  
Ministère de la guerre.
- 16 RIFERT d'Alauzier (capitaine de). *Sur les pas des alliés. Andrinople — Thrace — Macédoine.* Avec 8 croquis dans le texte, 1 carte et 10 photographies hors texte. 1914. In-8, viii-333 p. Berger-Levrault. Paris  
Fr. 5
- 17 *Annuaire pour 1914 des officiers de l'armée active, réserve, armée territoriale, de la ville de Grenoble et de la région.* In-16, 169 p. 1914. F. Dardelet. Grenoble.
- 18 *Règlement d'artillerie de côte. Deuxième partie. Description et Règles d'entretien du matériel. Titre II : Matériels G de gros calibre (matériels de 240 m., modèles 1901 et 1903 exceptés).* Règlements spécialement destinés aux officiers, aux gardiens de batterie etc. In-12, 186 p. avec fig. Impr. Nationale. Paris.

## Inglaterra

### 1 Government Publications:

- ADMIRALTY. *Revised Supplement, 1914, relating to the West Coast of Scotland Pilot.* Part I. Sixth ed, 1911 (corrected to 4th May, 1914).  
*Gratis to Purchasers of West Coast of Scotland Pilot, Part 1.*  
— *Revised Supplement (2), 1914, relating to Africa Pilot, Part 3.* Seventh



- ed., 1905 (corrected to 27th March, 1914). *Gratis to Purchasers of Africa Pilot, Part 3.*
- *Japan Pilot, or Sailing Directions for Ogasawara (Bonin) and other Islands Southward of Japan, the Japanese Islands, and the Kuril Islands.* Second ed., 1914 5/
- *Supplement, 1914, relating to East Coasts of Korea and Siberia and Sea of Okhotsk Pilot,* first ed., 1913 (corrected to 5th May, 1914). *Gratis to Purchasers of East Coasts of Korea, &c., Pilot.*
- *Supplement, 1914, relating to the Nova Scotia (South-East Coast) and Bay of Fundy Pilot,* sixth ed., 1911 (corrected to 25th April, 1914). *Gratis to Purchasers of Nova Scotia (South-East Coast) and Bay of Fundy Pilot.*
- *Manual of Instruction for the Royal Naval Sick Berth Staff* 2/
- *North Sea Pilot, Part II.* 7th ed., 1914. 3/
- *The Yangtse Kiang Pilot.* 1st ed., 1914 4/
- MILITARY. *Field Service Manual.* 1914. Signal Service — *Signal Company (Lines of Communication).* Expeditionary Force 3d
- *Standing Orders for the British Force in the Sudan.* 1914. 9d
- *Training Manual — Signalling. Amendments.* Issued with A.O. 1st April, 1914 1d
- 2 GOLDINGHAM (C. S.) *Dictionary of Modern Naval Technical Terms: German-English and English-German.* 16mo, pp. 164. *H. Rees* net 3/6
- 3 FORTESCUE (Hon. J. W.) *Military History.* (Cambridge Manuals of Science and Literature.) 12mo, pp. 214. *Camb. Univ. Press* net 1/
- 4 GARDINER (Colonel C. H.) *Soldiers and Civil War.* 8vo, swd. *Collingridge* 1/
- 5 GOLDINGHAM (Lieutenant C. S.) *Dictionary of Modern Naval Technical Terms.* In 2 parts, German-English, English-German. 12mo, pp. 162 *Hugh Rees.*
- 6 LEGGE (Major R. F.) *Mainly about Discipline.* 8vo, swd. *Gale & Polden* net 6d
- 7 WYLLY (Col. H. C.) *XVth (The King's) Hussars.* 1759 1913. Royal 8vo, pp. 564. *Caxton Pub. Co.* 84/
- 8 BURTON (Lieut.-Col. R. G.) *Napoleon's Invasion of Russia.* (No. 19 Special Campaign Series.) With 6 Maps and Plans. Cr. 8vo, pp. xiv — 231. *Allen.* net 5/
- 9 LEGGE (R. F.) *Mainly about Discipline.* 8vo, swd. *Gale & Polden* net 6d

## Italia

- 1 ROMANETTI, tenente-coronel. *Instituzioni ed esempi di letteratura militare.* Artesano e Bertello, Clueri 1,7000 réis
- 2 ETORE Bravetta, comandante. *La resistenza delle artiglierie.* Carlo Pasta, Turim 800 réis



## PERIODICOS

**Portugal**

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 7 de julho de 1914. O nosso problema naval. Trabalhos realizados na primeira campanha da missão hidrográfica de Portugal. Contra-torpedeiros. Breves considerações sobre o quadro unico. Deuses e não Deuses que, afinal, sempre são Deuses. Estrategia do tempo de guerra. Marinhas militares.
- 2 *O Oriente Portuguez*, n.ºs 5 e 6 de maio e junho de 1914. Clero em Gôa. Os ultimos dias de Ormuz. Feitoria de Gôa antes da conquista? A alfandega de Damão. Dialecto indo-português de Ceylão. Varia Variorum.
- 3 *Revista de artilharia*, n.º 121 de julho de 1914. Graduação das espoletas de tempos. Questões de material de artilharia. A instrução das unidades de artilharia de defesa terrestre de Lisboa.
- 4 *Revista de engenharia militar*, n.ºs 7 e 8 de julho e agosto de 1914. Algumas considerações sobre o serviço das obras militares. Regimento de engenharia. Calculo de uma ponte de cimento armado para serviço de passageiros e pequenas embarcações. Instruções relativas á disposição e construção dos quartéis. Estudo dos ventos em Portugal. A nova comissão executiva. Determinação geometrica dos elementos dos fornilhos para destruição dos pilares das obras de arte das vias de comunicação. A guerra dos Balkans. As causas e os efeitos das derrotas dos turcos.
- 5 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 149 de julho de 1914. A quimica em zootecnia — Subsídios para o estudo dos capins de Angola. Subsídio para o estudo da difteria aviaria. Serviço veterinario colonial. O seguro de gado por meio de companhias.

**Alemanha**

- 1 *Artilleristische Monatshefte*, n.º 91 de julho de 1914. Eine Gefechtslehre auf psychologischer Grundlage. Wie kann der Munitions verschwendung den Feldartillerie in einem künftigen Kriege vorgebengt werden? Zur vereinfachung des Schießens. Nochmals zur kinetischen Theorie. Das Flugzeug im Dienste der Artillerie.

**Argentina**

- 1 *Revista militar*, n.º 258 de julho de 1914. Puntos de vista para el desarrollo de la instrucción en el «Periodo de instrucción de Bateria». Puentes militares. Preparación de observadores de aeroplanos. Caballo artillero. Cocinas de campaña. Impresiones de un alumno español pensionado en la argentina. La gimnasia en el ejercito su aplicación higienica.



## Austria-Ungria

- 1 *Die Flagge*, n.º 7 de julho de 1914. Generalver sammlung des Osterreichischen Flottensvereines. Das Marinebudget. Die Schiffskatastrophe auf dem Lorenzostrom. Mexiko Die Salutfrage von Tampico. Über die Heranbildung der Secoffiziere unserer Handelsmarine. Allerhöchste Auszeichnung des Herrn Sektionschefs Richard Riedl. Die k. u. k. Eskader in Alexandrien. Lehrer- und Schülerausflüge an die Adriader Ostgruppe Laibach. Die Feier des 50. Gedektages des Gefachts von Helgoland in den Schulen. Reiseführer «Nach den Süden», Die sabrematisch-statistische Übersichtstabelle der k. u. k. Kriegsmarine. Rundschon in den Kriegsmarinern. Aviso für Adriareisen. Aufunft Kaiserlicher Rat Mex Sanno.

## Belgica

- 1 *Bulletin de la presse et de la bibliographie militaires*, n.º 724 de 15 de julho de 1914. Manœuvres françaises du Sud-oeust en 1913. L'armée hollandaise. La nouvelle loi française sur les cadres et effectif des différentes armes.

## Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 1 de julho de 1914. O curso de infantaria pelo regulamento de 30 de abril de 1913. A jornada de Taquarussú. Aeronautica militar. Alimentação e reabastecimento dos exercitos em campanha. Guerra da Cisplatina. Parecer sobre as tabellas de distribuição de rações ás praças e de forragens aos animaes da 9.ª região.
- 2 *O Tiro*, n.º 64 de julho de 1914. Reservas do exercito. Notas sobre o tiro ao alvo. França. Allemanha. Austria-Hungria. Russia e Servia. Quadro comparativo entre os exercitos belligerantes. Tenente Aristides Paes de Sousa Brazil. Duas companhias fuziladas. Regulamento de tiro para a infantaria. Campeonato de tiro na Hespanha. Notas sobre aviação. Associação feminina do tiro nacional da Suecia.
- 3 *Revista maritima brazileira*, n.º 1 de julho de 1914. Nosso aniversario. Marinha alemã. Marinha mercante a vapor do Japão. Evolução do navio «dreadnought». Prompto soccorro e submersiveis. Relatorio sobre varios assumptos. O trotyl. Dois novos explosivos. Desenvolvimento da protecção abaixo da linha d'agua.

## Chile

- 1 *Revista de marina*, n.º 337 de julho de 1914. Medida de la potencia de las maquinas por medio de torsiómetros. El desenvolvimiento del Dreadnought desde 1905-1913. Tablas de altura i azimuth de Mr. Frederik Ball. El trotyl en la artilleria. La importancia de las minas sub-



marinas bazada en las esperiencias hechas durante la guerra ruso-japonesa. Servicios administrativos.

## Colombia

- 1 *Memorial del estado maior*, n.º 24 de junho de 1914. La grande ilusión. Reglamentos militares. El ejercicio del comando. El código militar colombiano. Tres lecciones de topografía. Notas sobre ingreso de contingentes e instrucción de las tropas. La necesidad de instrucción en los oficiales. El arma de caballería en tiempos remotos. La ley de los tres años. Documentos históricos

## Espanha

- 1 *Boletín de intendencia e intervención militares*, n.º 32 de julho de 1914. Los avituallamientos de guerra en Alemania. Las novatadas. Algunos datos estadísticos sobre el trigo. La figura del Intendente en los ejércitos modernos. Una fase interesante de la aviación. Empleo de la carne congelada y de la carne de caballo en tiempo de guerra. Condiciones técnicas de las mantas de cuartel. Suministros de pueblos. Uniforme de verano. Alimentación del ganado del ejército. Analisis de substancias alimenticias.
- 2 *Estudios militares*, n.º 1 de julho de 1914. Las nuevas tablas de tiro del fusil Mauser reglamentario con la bala P. Memoria hecha sobre la base de apuntes tomados durante el curso de 1911 en la Escuela de tiro de infantería. Psicología militar. La guerra en los Balkanes. Las grandes maniobras francesas en 1912. Tactica de huelgas. Ensayo acerca de la guerra de guerrillas. Instrucción metódica de los cuadros y de los alumnos cabos.
- 3 *Información militar del extranjero*, n.º 1 de julho de 1914. La sanidad en los ejércitos alemán y francés. Las grandes maniobras y ejercicios en 1914. Las operaciones del ejército rumano en Bulgaria en 1913.
- 4 *Memorial de artilharia*, n.º de julho de 1914. Pirotecnia militar de Sevilla: Resumen de los trabajos realizados en esta Fabrica y de los acuerdos de su Junta Facultativa en el año de 1913. Crónica interior. Crónica exterior.
- 5 *Memorial de infantería*, n.º de julho de 1914. Noticias históricas sobre el ejército inglés. Las señales marinas en los enlaces á gran distancia. El camino trillado. Los enlaces en el campo de batalla. Operaciones en Lobata. Las tropas coloniales. Música bélica. Principios de la táctica razonada de las marchas y operaciones de noche. La nueva tabla de tiro del fusil Mauser con bala P. Pistolas automáticas. Nuevo blanco electro-mecánico.
- 6 *Memorial de ingenieros del ejército*, n.º 7 de julho de 1914. La comisión del 2.º regimiento de zapadores minadores en Rumania. Estación radiotelegráfica de Bilbao. Telefonía de campaña. Necrología.
- 7 *Revista científico militar*, n.ºs 13 e 14 de 10 e 25 de julho de 1914. Ofensiva o iniciativa? Primer asalto al castillo de Montjuich. Escuela de



ferrocarriles para oficiales en Rusia. Ejercicios de cuadros para los zapadores minadores. Experimentos aviatorios en Alemania. Indemnizaciones por cambios de guarnición, en Francia. Adelantos en las ametralladoras. La guerra turco-balkanica por el Gran estado mayor alemán. Pullio Cornelio Escipion, el Africano. El tiro curvo con el cañón de campaña. Invisibilidad de las tropas con respecto a los aeroplanos. Concursos literarios en Italia.

- 8 *Revista de caballeria*, n.º 145 de julho de 1914. Informe sobre ascensos en tiempo de paz y de guerra. El general von Zieten. El problema de Marruecos. La caballería en el grupo de ejércitos. Tercer deposito de caballos sementales. Notas de sport.
- 9 *Revista tecnica de infanteria y caballeria*, n.ºs de 1 e 15 de julho de 1914. Asuntos militares. El reaprovisionamiento de municiones. La obra militar de la Revolución francesa. En los campos de batalla. Reflexiones militares del Marqués de Santa Cruz de Marcenado: Manual de telegrafia militar.

### Estados Unidos

- 1 *Journal of the United States artillery*, n.º 128 de julho-agosto de 1914. The mine defense of harbors: its history, principles, relation to the other elements of defense, and tactical, employment. Our military and naval policies in their relation to om foreign policies. Armar and its application to ships: historical. Coast artillery touget practice for rapid fire batteries. The graphical solution of probleme in exterior ballistics. Range corrections for mortars. Removal of a mortar recer. The operation of the traylatch. Coast defense in the civil wer. Fort fisher north carolina.

### França

- 1 *Journal des sciences militaires*, n.ºs 164 a 167 de 4, 11, 18 e 23 de julho de 1914. Les principes-bases des préparations pré et post-régimentaires. Le nouveau service en campagne — L'esprit offensif. Une riposte — L'Allemagne et la Légion. De la méthode dans les sciences militaires. La consommation en munitions d'infanterie et les pertes en hommes. Développement et directives de la préparation militaire. L'attentat de Serajevo. Le plan de manoeuvre dans la guerre balkanique. Exercices pratiques de cadres — Les grandes unités. Pangermanisme. Pourquoi nous manquons d'officiers. La non-discipline. Notre matériel de campement — Le problème de l'alimentation. La défense nationale devant le Sénat. France et Russie. La nouvelle instruction pour le combat de l'infanterie russe.
- 2 *La revue d'infanterie*, n.º 331 de 15 de julho de 1914. Le fantassin en campagne dans les principales armées. Le nouveau règlement de manoeuvres de l'infanterie portugaise. Les S. A. G. dans la nation. L'infanterie légère — Autriche.
- 3 *L'Opinion militaire*, n.ºs 88 e 89 de 10 e 25 de julho de 1914. Un pro-



gramme. Le sous officier français. L'augmentation des retraites. Militarisme et évolution. Questions militaires. A propos de la couverture. France et Allemagne. L'esprit offensif de l'infanterie. A propos du livre du Prince de Bülow.

- 4 *Le spectateur militaire*, n.ºs 571 e 572 de 1 e 15 de julho de 1914. Au combat. Repos ailleurs! Au Maroc. Le soldat d'Afrique. Les rapports du haut commandement et du pouvoir civil dans une démocratie. Notes sur la politique indigène. Batailles oubliées.
- 5 *Revue d'artillerie*, n.º de julho de 1914. Obusier de campagne léger des usines de Coventry. Note sur le tir du canon de 75 par-dessus des troupes amies. Étude sur la précision des télèmetres monostatiques. Une solution du problème de l'accompagnement. Nécrologie.
- 6 *Revue d'études militaires*, n.ºs 29 e 30 de 1 e 16 de julho de 1914. Les doctrines de politique étrangère. Section de Remisme. Section de Préparation au service géographique. Section de préparation à l'École de guerre. Cycle II. 1<sup>re</sup> Partie: I. Directives. II. Livres et documents, leur utilisation. III. Indications diverses. IIe partie: Sujets de devoirs proposés.
- 7 *Revue d'histoire*, n.º 163 de julho de 1914. Une opinion allemande sur la genèse de la division. L'armée du Roi (1674). Campagne de 1807. — La manœuvre d'Eylan. La guerre de 1870-1871 — Le siège de Paris; Le 1<sup>re</sup> armée de la Loire.

## Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de julho de 1914. Forza numerica degli Ufficiali dell' arma di cavalleria. Da un mese all' altro. Il maresciallo Principe Blücher di Wanzlstatt. Sfogliando il memoriale delle squadrone. Quel che si fa fare oggi in guerre dalla cavalleria. Le corse militari in Francia ed in Italia. La contabilità degli squadroni com'è e come dovrebbe.

## Mexico

- 1 *Boletín de ingenieros*, n.º 11 de julho de 1914. Estaciones radiotelegraficas. 13 de julio de 1912. Fórmula para calcular el día de la semana. Aprendizaje de sobrestantes y maestros de obras. Aviso. Alumbrado eléctrico en los campamentos militares. Instalación de filtros. Primero es la Patria! Ultimos momentos de Morales. Movimiento militar del mes de junio. Tablas de ferrocarriles.

## Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º 7 de julho de 1914. Affæren ved Lundly 3 juli 1864. Hærens ledende mænd for hundrede aar siden. Ovelses og befalsspersmaalet i bøeren. Den nye avenske mitraljese.



## Uruguay

- 1 *Revista del Centro militar y naval*, n.º 123 de julio de 1914. Las leys militares y la Constitución. Sobre el mismo tema. El hospital militar. El boletín del Servicio geográfico militar. Segundo jefe de los treinta y tres. Páginas de historia militar. Documentos de antes. Instrucción de caballería. Campaña del Paraguay. Notas locales.

Halle

Mexico

Noruega